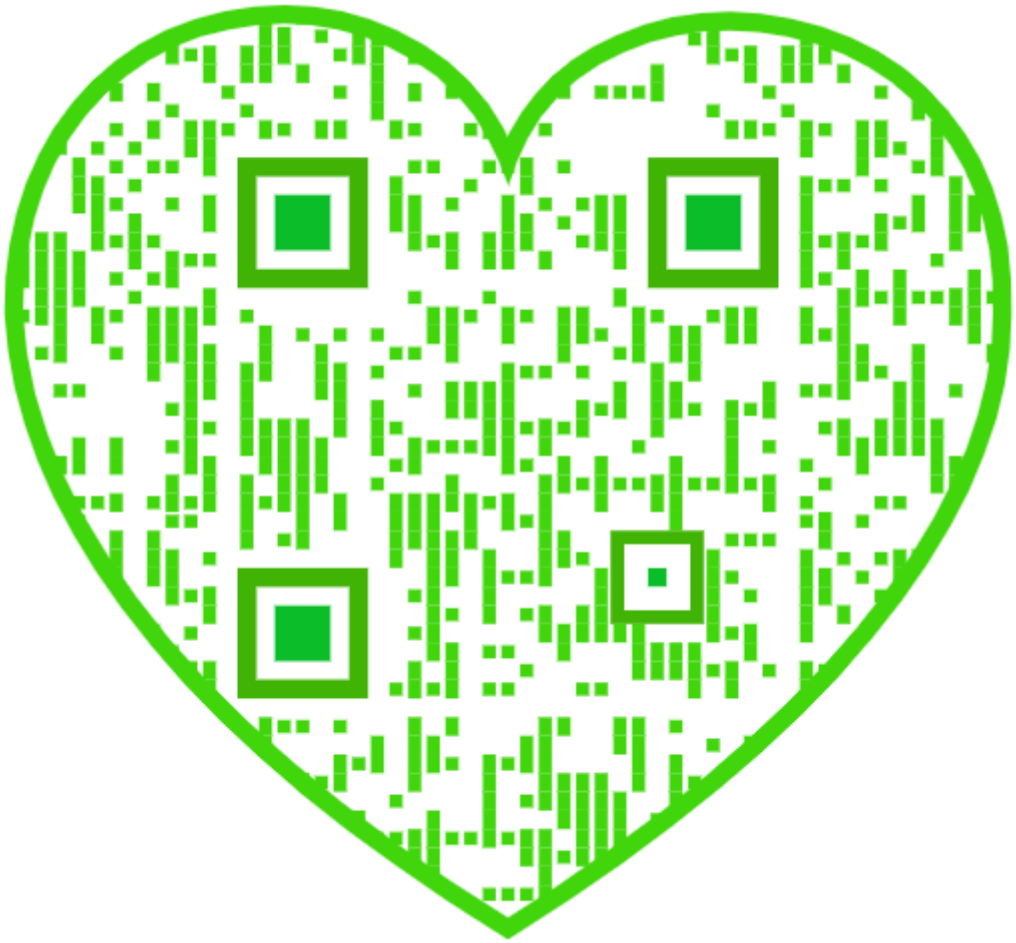
alyson noël

AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER os imortais E DE Radiante

Luminoso

SÉRIE RILEY BLOOM

intrínseca



Luminoso

SÉRIE RILEY BLOOM | LIVRO 2

“Perdão é o perfume que a violeta deixa no calcanhar que a esmagou.”
— Mark Twain

1

Se você acha que sabe como é estar morto — se acha que não passa deuma eternidade ouvindo harpas e relaxando nas nuvens —, bem,pense novamente.

Já ouviu dizer que a vida continua?

Ela continua.

Além do ponto onde todos acham que ela termina.

Vá por mim. Estou morta há mais de um ano, e assim que cruzei aquela ponte até o outro lado... foi aí que tudo começou a ficar interessante...

2

Vai, Buttercup, pega, garoto!

Pus as mãos em volta da boca e estreitei os olhos na direção de uma neblina branca e pegajosa, que ainda demoraria horas para ser dissipada pelo sol. Era uma praia bem do jeito que eu gostava: enevoada, fria, até mesmo um pouco macabra. Fazia eu me lembrar de nossas antigas viagens em família para o litoral do Oregon, que eu às vezes tentava recriar sozinha.

Porém, apesar das infinitas possibilidades de materialização em Aqui & Agora, algo estava errado. Claro que era possível reviver as mesmas sensações, o modo como os pequenos grãos se acumulavam entre os dedos dos pés, ou como a brisa refrescante do mar tocava o rosto, mas, ainda assim, não era a mesma coisa.

Aquilo não estava correspondendo à realidade.

E era óbvio que Buttercup concordava.

Ele correu atrás do graveto, dando de cara com um homem que desfrutava uma caminhada matinal com o filho, e os atravessou. O garoto parou e olhou à volta, sentindo a perturbação, a mudança repentina da atmosfera, o sopro de ar frio — os sinais comuns de que um fantasma está por perto.

Os sinais que as crianças sempre captam, e que os pais nunca percebem.

Fechei bem os olhos e me concentrei em unificar minha energia com a do ambiente. Evoquei a vibração da areia, das conchas e até mesmo da neblina, tentando senti-las da mesma maneira que costumava fazer, sabendo que teria apenas alguns instantes até que Buttercup voltasse, largasse o graveto babado a meus pés e repetíssemos a brincadeira.

Ele era incansável. Como é natural de sua raça, buscaria o graveto por horas a fio. Um bom e longo jogo de buscar e trazer estava em sua lista de cinco coisas favoritas, bem ao lado de biscoitos caninos, um cantinho quente e ensolarado, correr atrás de pássaros e, é claro, sua mais nova paixão: voar.

Ele cutucou minha perna com o focinho, para que eu percebesse que tinha voltado, e me fitou com aqueles grandes olhos castanhos, praticamente implorando que eu jogasse o graveto ainda mais longe dessa vez.

E foi o que fiz.

Observei o graveto subir até o céu, romper o fino véu branco e desaparecer. Buttercup saiu em disparada atrás dele, com a língua para fora e o rabo balançando loucamente de um lado para o outro — a ponta peluda e amarela foi

a última coisa que vi antes da névoa o engolir por inteiro e ele sumir de vista, deixando para trás apenas um ligeiro eco de seus latidos entusiasmados.

Voltei minha atenção ao pequeno bando de gaivotas que voava em círculos e mergulhava, enchia o bico de peixes desavisados e depois levantava voo novamente. Com uma vaga noção dos minutos que se passaram sem que ele voltasse, chamei Buttercup, e em seguida imitei com perfeição o assobio especial de meu pai, ao que ele sempre atendia. Meus pés afundavam na areia sem deixar vestígios de pegadas enquanto eu abria caminho por uma neblina tão densa, tão viscosa, que me fez lembrar a vez em que voei através de uma nuvem de chuva só por diversão, só para descobrir que era tudo, menos divertido. E estava prestes a me aventurar na água gelada, por saber como ele gostava de nadar, quando ouvi um grunhido profundo e inconfundível que imediatamente me deixou preocupada.

Buttercup quase não grunhia.

Era bonzinho demais para fazer isso.

Então, quando fazia, eu podia presumir que ele tivesse deparado com algum problema sério.

Algo bem, bem ruim.

Eu segui o som. O ruído baixo e grave ficava cada vez mais intenso à medida que eu me aproximava. E logo foi substituído por algo pior: um rosnado terrível, um ganido agudo e um silêncio perturbador, que reviraram meu estômago.

— Buttercup? — chamei com a voz tão trêmula, tão insegura, que fui forçada a limpar a garganta e chamar de novo. — Buttercup, cadê você? Isso não tem graça, viu? É melhor aparecer *agora*, ou você não vai voltar para casa voando!

No instante em que pronunciei essa ameaça, eu o escutei. As patas batendo contra a areia dura e molhada, sua respiração rápida e ofegante ficando cada vez mais alta à medida que ele chegava perto.

Suspirei de alívio e me abaixei. Preparei-me para o enorme e babado pedido de desculpas que receberia quando vi, totalmente horrorizada, a neblina se abrindo e um enorme cachorro pulando dela.

Um cachorro que não era Buttercup.

Era... algo completamente diferente.

Grande, do tamanho de um pônei.

Preto, com os pelos desbotados e cheios de nós.

Com patas do tamanho de cascos que vinham em minha direção, e eu soltei um grito alto e longo, desesperada para sair de seu caminho. Mas era tarde demais.

Não importava quanto eu corresse, eu não seria rápida o bastante.

Não havia como escapar das correntes que balançavam com um barulho tenebroso em sua coleira cheia de espinhos afiados.

Não havia como escapar do brilho ameaçador daqueles profundos olhos amarelos, encarando-me com um olhar abrasador que me queimou até a alma...

3

Abaixei-me e me encolhi, pressionei o nariz contra os joelhos e cobrio rosto, esperando o impacto.

Esperei o choque daquelas patas, a mordida dos dentes afiados como navalha, o calor do olhar sinistro atravessando meu interior.

Mas nada aconteceu.

E, sério, por que aconteceria, se havia um fato importantíssimo para me salvar do ataque dele?

Um fato importantíssimo para me salvar de *qualquer* ataque.

Um fato importantíssimo com o qual eu ainda não estava acostumada — pelo menos não quando estava completamente aterrorizada.

O fato de que eu estava morta.

Mortinha da silva.

Morta e enterrada.

Morta como... bem, o mais morta possível.

A ironia é que, embora estivesse me sentindo mais viva que nunca, na verdade meu corpo físico tinha morrido havia mais de um ano. E fiquei com este novo modelo leve e delicado, um pouco translúcido, muito parecido com a versão original, que era restrita pela gravidade, exceto pelo fato de que agora as coisas podiam passar facilmente através de mim, o que antes não acontecia.

Coisas como cães infernais enormes, de pelo preto embolado, com rugidos graves e ameaçadores, por exemplo.

E, por acaso, não me lembrei de nada disso até Bodhi me encontrar.

Ou melhor, Bodhi e Buttercup, meu querido labrador amarelo, que não apenas esteve comigo quase minha vida inteira, mas também morreu no acidente de carro, a meu lado. Então, levando-se tudo em conta, seria de se pensar que sua lealdade fosse grande.

Mas *nãããão*.

No que se refere a Buttercup, não havia lealdade. Ele adorava cheirar e lamber os dedos de qualquer pessoa disposta a afagá-lo, alimentá-lo ou jogar gravetos para ele buscar — incluindo meu guia fantasma, Bodhi. E, enquanto Bodhi ria como um bobo do jeito como me agachei na areia, toda encolhida como uma bolinha de medo pequena, loura e fantasmagórica, Buttercup latia, babava e abanava o rabo cheio de alegria a seu lado, o que me fez repensar

seriamente sobre *minha* lealdade a ele e a odiar Bodhi tanto quanto da primeira vez que o vi.

Na primeira vez, ele me empurrou (literalmente!) para dentro daquela sala terrível, onde fui obrigada a assistir um resumo da minha vida bastante constrangedor e completamente angustiante.

Um resumo de vida bastante constrangedor e completamente angustiante que me fez descobrir que toda a minha existência, meus curtos doze anos no plano terreno, não passava de uma piada — uma piada à minha custa.

Tudo havia sido um fracasso.

Um desperdício.

Uma década de esforço tentando imitar minha irmã mais velha, Ever, na esperança de ser igualzinha a ela.

O que resultou apenas em um comportamento extremamente ridículo, infantil e maníaco. Era praticamente impossível justificar.

Um resumo de vida bastante constrangedor e completamente angustiante, conduzido por vários membros do Conselho. Eles me informaram que, com base no tempo que eu havia vagado no plano terreno — recusando-me teimosamente a cruzar a ponte para Aqui&Agora e preferindo permanecer espiando minha irmã, celebridades, amigos e ex-professores (e também qualquer outra pessoa que pudesse ser mais interessante do que parecia) —, eu tinha um cargo a preencher: esperavam que eu "persuadisse e convencesse" espíritos que vagam a cruzar a ponte para sua nova casa, trabalhando como Apanhadora de Almas, por assim dizer.

E, para piorar, também me atribuíram um guia/professor/treinador/conselheiro/chefe (pelo menos é como Bodhi gosta de descrever a si mesmo), a quem eu deveria prestar contas e com quem, talvez, até pudesse aprender alguma lição.

Apesar de ele não se vestir mais como um bobão, apesar de ter trocado a roupa de nerd por outras muito mais legais, apesar de ter deixado os cabelos ficarem bagunçados e soltos de um jeito desencanado e moderno, caindo no rosto como se tivessem sido soprados suavemente pelo vento, apesar de sempre que fitava seus brilhantes olhos azuis eu me lembrar do pôster do Zac Efron que ficava na parede de meu antigo quarto, ele ainda não tinha o direito de rir de mim daquela maneira.

Continuei ali caída, cada parte de mim desejando que ele parasse e mudasse de assunto. Mas quando ficou claro que não seria assim, que ele estava tentando se acalmar o suficiente para recuperar o fôlego e poder passar do riso à zombaria verbal, levantei-me de um pulo. Alisei meu vestido branco de algodão que, na afobação, havia ficado todo amarrotado, puxei as alças do biquíni cor-de-rosa e azul-turquesa que eu usava por baixo, olhei para ele e disse:

— Isso, isso, ria o quanto quiser. — Sacudi a cabeça e fiz cara feia, primeiro para Bodhi, depois para Buttercup, que logo abaixou a cabeça, enfiou o rabo entre as pernas e olhou para mim com aqueles grandes olhos castanhos e irresistíveis. — Mas preciso lhe dizer, se você tivesse visto o que vi... bem... —

Balancei a cabeça, apertei os lábios e fiquei séria, forçando as palavras por entre os dentes cerrados. — Sei muito bem que você também teria gritado.

Eu estava pronta para brigar, pronta para mais um pouco daquela provocação não tão bem-intencionada quando, ao contrário, ele colocou a mão em meu ombro e olhou para mim com seu jeito muito sério.

— Eu gritei. — Seus olhos estavam fixos nos meus. — Mas, em vez de parar, me abaixar e rolar como você, corri como o vento.

Semicerrei os olhos e dei de ombros para me livrar de sua mão. Eu não sabia bem aonde ele queria chegar e ainda não estava convencida de que não se tratava de mais uma tentativa de se divertir um pouco à minha custa.

— Foi na Inglaterra, em Devon, se me lembro bem. — Ele estreitou os olhos como se tentasse lembrar a data exata, como se tivesse acontecido séculos antes, quando ambos sabemos que ele tinha batido as botas havia pouco mais de uma década, em 1999, cortesia de um câncer de osso, a poucos dias do Ano-novo. Depois, erguendo os ombros, ele continuou: — Enfim, eles são vistos com mais frequência em Devon, Norfolk, Suffolk e Essex, mas, ainda assim, eu...

— Espere aí, o que quer dizer com *eles?* — perguntei, vendo Buttercup vindo para meu lado devagar, acariciando minha perna com o focinho em uma tentativa desesperada de conseguir meu perdão. — Está dizendo que há mais de um?

— Cães Espectrais? — Bodhi inclinou a cabeça de um modo que fez sua franja cair sobre os olhos. — Sim, um monte.

Ele confirmou com a cabeça, passando os dedos nos cabelos e colocando-os de volta no lugar.

— Cães *o quê?* — Minha voz ficou aguda, incapaz de entender a palavra.

— Cão Espectral, Cachorro Negro, Cão Fantasma, Coisa Odiosa, Fera Infernal... — Ele deu de ombros e instantaneamente materializou um comprido canudo verde, que começou a mastigar enquanto olhava em volta. Sua expressão era a de alguém que esperava encontrar uma matilha inteira desses animais correndo na areia, mas, ao ver apenas uma camada pesada de névoa, olhou para mim e disse: — Eles são chamados de vários nomes diferentes. E, embora as lendas variem um pouco, no fundo são praticamente a mesma coisa. Um cão preto grande e ameaçador com olhos brilhantes, às vezes um no meio da testa, às vezes no lugar onde seria a cabeça, se ela existisse... — Ele olhou para mim. — Esse tipo de coisa. Mas não se restringem apenas à Inglaterra. Uma vez, quando eu estava em uma tarefa no Egito, vi um muito grande, bem maior que esse que você acabou de ver. Quer dizer, ele era feroz. Pensei que fosse algum tipo de garanhão preto enlouquecido. Você nem imagina o tamanho daquela coisa. — Ele balançou a cabeça ao lembrar. — Enfim, ele estava protegendo uma tumba centenária. É isso que eles gostam de fazer, sabe, proteger velhos túmulos, tumbas e afins.

Ele olhou para mim por sob grossos cílios, que ele deve ter aumentado de algum modo para parecer irresistível. Pelo que vi na formatura — ou seja lá qual for o nome daquele dia em que ele começou a brilhar com um tom profundo de

verde, mostrando ao encarregado desses assuntos que ele estava pronto para ser meu guia —, por todas as vaias e assobios que começaram assim que ele se levantou do assento até subir ao palco, bem, claro que estava funcionando. Pelo menos com alguns espíritos menos exigentes.

Quanto a mim, eu era praticamente imune.

Ele continuou me fitando, praticamente implorando para que eu ficasse impressionada com sua jornada exótica. Mas de jeito nenhum eu lhe daria esse gosto. De jeito nenhum eu lhe daria essa alegria.

Então ele viajara ao Egito. Para uma tarefa. Onde havia encontrado um cão fantasma ainda maior que aquele que eu vi.

Grande coisa.

E daí?

No curto período de tempo desde que cruzei a ponte até meu novo lar em Aqui&Agora, já *completei* uma tarefa em um castelo bem impressionante no interior da Inglaterra, já voei bem acima das ruas agitadas de Londres e estava naquele momento aproveitando uma folguinha em uma das ilhas Virgens — e tudo isso aconteceu em um tempo muito curto, muito breve, muito obrigada. O que me dava a certeza de que ainda haveria muitas viagens esperando por mim, levando em consideração todas as tarefas que eu teria e todas as almas que eu deveria ajudar a atravessar.

— Enfim — disse ele, ainda mastigando aquele canudo verde, balançando-o para cima e para baixo, certamente um hábito irritante preservado de sua vida no plano terreno —, embora a lenda diga que topar com um desses é mau agouro, um presságio da morte...

— *Um presságio?*

Olhei para ele, erguendo as sobrancelhas, convencida de que ele estava tentando se exibir de novo.

— Um prenúncio, um sinal, um...

— Eu *sei* o que significa.

Revirei os olhos e ignorei sua tentativa patética de me impressionar, de mostrar seu enorme vocabulário.

— Enfim, a questão é que — ele continuou, estreitando os olhos enquanto passava a vista de um lado para o outro na praia praticamente vazia —, embora todas as lendas afirmem que quem vê um Cachorro Negro morrerá em um ano, é evidente que você não precisa se preocupar com isso. Quer dizer, como você já está morta e tal...

— Então é isso? — Coloquei as mãos na cintura e o encarei. — Você vai deixar esse cão infernal fantasma psicopata correr à solta e basicamente aterrorizar todas as pessoas da praia e não vai fazer nada para impedi-lo?

Ele sacudiu os ombros, obviamente nem um pouco alarmado com a possibilidade.

— Acho que não vejo motivos — disse ele. — Quer dizer, Riley, admita, a única pessoa que parece aterrorizada com o cachorro é você.

Analisei seu rosto, procurando sinais óbvios *(presságios!)* de zombaria, mas não encontrei nada. Então eu disse:

— E Buttercup? E aquele latido que ouvi? Ele parecia morto de medo, por assim dizer.

Mas Bodhi apenas riu.

— Nervoso, talvez, mas certamente não estava assustado. Foi minha culpa. Peguei o graveto no ar e voei. Ele não gostou muito, mas já superou, não é mesmo, garoto?

Sua voz tornou-se suave e fofa quando ele se abaixou para coçar entre as orelhas de Buttercup. E eu fiz o possível para não me contrair quando vi a rapidez com que meu cão saiu de meu lado para voltar para perto de Bodhi, onde se sentou, olhando para ele com felicidade, todo babão e meloso.

— Além disso, qualquer espírito que você encontrar vagando aqui deve ser deixado em paz. *Aconteça o que acontecer*. Lembre-se, se o Conselho não atribuiu a tarefa, não é de nossa conta. — Sua expressão ficou séria, para que eu soubesse que ele não estava brincando. Então, presumindo que seu trabalho estava terminado, presumindo que havia falado a última palavra, ele acrescentou: — Então, o que me diz de esquecermos a fera, sairmos desta praia enevoada e irmos até a cidade?

Coloquei as mãos na cintura e olhei para uma névoa que aparentemente ainda iria durar bastante tempo. Mesmo assim, sabendo onde procurar, era possível encontrar pedacinhos de céu aqui e ali, e eu os considerei uma promessa de que havia belo dia no horizonte.

E embora estivéssemos ali de férias, embora tivéssemos ganhado do Conselho essa pequena viagem como recompensa por um bom trabalho ao ajudar a travessia de alguns fantasmas que tinham assombrado um castelo por muito tempo (fantasmas que nenhum outro Apanhador de Almas havia conseguido convencer a seguir em frente, incluindo Bodhi, até *eu* chegar), embora Bodhi tenha sido legal o bastante para me deixar escolher o lugar e não ter reclamado nenhuma vez quando escolhi St. John (a ilha onde meus pais haviam passado a lua de mel, só porque eu os ouvira falar tantas vezes dela e com tanta saudade que tive de aproveitar a oportunidade para conhecer com meus próprios olhos), embora tivéssemos pouco tempo antes de precisarmos voltar para Aqui&Agora, apresentarmo-nos diante do Conselho e pegarmos as próximas tarefas — embora soubesse de tudo isso —, ainda olhei para ele e disse:

— Não vou a lugar algum até convencer aquele cão a atravessar.

4

Não podemos fazer isso. Você não pode fazer isso — disse Bodhi, e mesmo que eu tivesse decidido ignorá-lo ele continuou: — Riley, não ouviu o que eu disse? Se o Conselho não mandou, não é de nossa conta.

Ele olhou para mim, fuzilando-me com aquele olhar demorado, duro, firme, mas eu decidi ignorar aquilo também.

Em parte porque eu já estava me afastando dele, seguindo meu caminho pela praia, na mesma direção para onde correra a Fera Infernal. E, em parte, porque eu não estava interessada em ouvir aquele tipo de objeção, nenhuma objeção. Não enquanto estava tão ocupada formulando um plano.

— Não podemos fazer atravessar qualquer pessoa que quisermos, quando quisermos. Há regras para essas coisas, regras que você nem conhece. Além disso, você não vai encontrá-lo mesmo — Bodhi gritou atrás de mim. Sua voz foi sumindo, o tom enfraquecendo a cada passo que eu dava. — É sério, você só vai perder tempo. Eles aparecem somente quando *querem* ser vistos. E, mesmo assim, geralmente quando estão tentando repelir uma ameaça ou algo do tipo.

Eu parei.

Afundei os dedos dos pés na areia molhada e granulosa e reconsiderei toda a minha estratégia.

Estava indo para o lado errado.

Em vez de seguir na direção para onde o monstro tinha corrido, deveria ir na direção de onde ele havia surgido.

Na direção para a qual eu estava indo. Na direção de onde tinham voltado Buttercup e Bodhi.

Porque se fosse verdade o que Bodhi afirmava, então havia algo ali que o velho Cão Espectral/Cachorro Negro/Fera Infernal considerava digno de proteção. E se eu descobrisse o que era, poderia encontrá-lo.

Então eu me virei e fui diretamente para onde Bodhi estava. Notei o olhar de alívio presunçoso em seu rosto, o modo como cutucava Buttercup com o joelho, indicando que agora eu havia me rendido à sua sabedoria infinita, finalmente havia recobrado o juízo e entendido seu ponto de vista, e que era hora de seguirmos em frente.

Mas eu continuei andando.

Passei por Bodhi e entrei na neblina, e ele gritou atrás de mim:

— Riley, estou falando *sério*. Por que *ainda* acha tão impossível me escutar? Achei que já houvéssemos passado dessa fase. Achei que tivéssemos *entrado em acordo*. Eu sou o guia, e você... — Ele fez uma pausa, procurando a palavra certa, uma que servisse para justificar seu argumento, mas sem querer ofender. Sua voz ficou segura e confiante assim que ele a encontrou e disse: — ... E você é a *aprendiz*. O que significa que *não* pode sair inventando tarefas. Você não é uma agente livre! Só pode cumprir tarefas designadas pelo Conselho ou por mim. Riley! Eu não estou brincando. Estou falando completamente a sério. O que preciso fazer para que você me *ouça*? E me *respeite?*

Foram muitas palavras.

Um bocado, na verdade.

Mas, para mim, foi apenas um monte de consoantes e vogais misturadas aleatoriamente.

Eu só as ouvi porque ele decidiu me seguir. E enquanto corria para me alcançar, acrescentou:

— Você não pode simplesmente fazer o que quiser, sabia? Há regras e regulamentos, e basta apenas uma ação ridiculamente irracional sua para comprometer tudo aquilo que trabalhei tanto para construir! É minha *função* tomar conta de você. Sou responsável por você, quer você goste ou não. E ainda assim, mesmo sabendo muito bem disso, mesmo sabendo muito bem que acabei de voltar às graças do Conselho depois de quase ter sido rebaixado e desprezado, você insiste em *fazer* isso. Recusa-se a parar e refletir sobre como suas ideias imprudentes podem me afetar. Simplesmente tem a ideia maluca de salvar uma Fera Infernal que provavelmente nem está na mira do Conselho e logo mergulha de cabeça, sem a mínima consideração pelo fato de estar prestes a arriscar todo o meu trabalho pesado! Você não tem noção do que está fazendo, não tem noção das consequências nem de quanto eu tenho a perder! Além disso, mal sabe você que, assim como as pessoas do plano terreno têm destinos a cumprir, espíritos também têm. Sem contar uma coisinha chamada *livre-arbítrio*, na qual você *não tem* direito de interferir. A capacidade de livre-arbítrio é fundamental para que uma alma descubra seu destino! E odeio ter que dizer isso, mas para alguém que só ganhou seu brilho há tão pouco tempo, para alguém cujo brilho verde pálido quase apagado indica claramente que você é da equipe do nível 1,5, você não tem permissão nem *autorização* para interferir no destino, na sina, no caminho escolhido ou no livre-arbítrio de ninguém, a menos que receba ordens específicas do Conselho ou minhas! Por que você não entende isso? *Por que* preciso explicar toda hora? Foi então que me virei.

Foi então que dei meia-volta, encarei-o bem nos olhos e disse:

— Por acaso é *exatamente* isso o que estou fazendo agora.

Ele olhou para mim, sua expressão um pouco perplexa, confusa, resultado do dilúvio frenético de palavras que ele havia acabado de despejar.

— Estou exercendo *meu* livre-arbítrio. E, embora possa não ser tão versada quanto você nas regras, ó poderoso guia, tenho bastante certeza de que você não tem autoridade para me impedir de descobrir *meu* destino.

Então, sem esperar resposta, saí andando. Pisando com força na areia, determinada a manter o progresso firme e decidido, escolhendo andar em vez de voar já que, pelo menos pela minha experiência, voar na neblina não é nem um pouco tão divertido como podia parecer. A visibilidade ruim deixava a vista bastante "blá".

A voz de Bodhi continuou a me assombrar enquanto ele gritava palavras como teimosa, obstinada, cabeça-dura, voluntariosa, desorientada, irracional, impulsiva — nenhuma delas nem um pouco agradável, mas todas atravessando a neblina e me perseguindo assim mesmo.

E, como antes, não surtiram efeito algum.

Para mim, era apenas um monte de blá-blá-blá.

Quer dizer, talvez o que ele falou seja verdade.

Talvez não.

Mas, de qualquer maneira, não me interessava.

Porque, apesar do que Bodhi alegava a respeito das regras, do Conselho e da longa lista de meus defeitos extremamente graves, eu tinha uma certeza absoluta:

Não existiam acidentes, coincidências ou acontecimentos aleatórios.

O universo simplesmente não funcionava assim.

Eu tinha visto aquele cão por algum motivo.

E estava determinada a descobrir qual era.

5

Embora não pudesse dizer ao certo a distância que eu havia andado — devido à intensidade da névoa, não conseguia ver nada atrás de mim,nem à frente —, sabia que fora o bastante para que a voz de Bodhi desaparecesse completamente.

Andei por tanto tempo que não conseguia mais ouvir a respiração ofegante de Buttercup, nem seus latidos entusiasmados.

Com exceção do balanço suave constante do mar lambendo a areia e do grasnado conhecido quase lastimoso das gaivotas voando acima de mim, eu não ouvia mais nada.

Não via nada.

Não escutava nada.

O que deve explicar por que fiquei tão surpresa quando tropecei naquilo.

E eu *tropecei mesmo*.

Estava tão decidida a fundir minha energia com a areia, o mar, o céu e tudo à minha volta, tão concentrada em fundir minha vibração com a do mundo físico, que uma hora eu estava caminhando distraída e, de repente, estava caindo de cabeça.

Sim, mesmo em minha forma fantasmagórica, ainda posso levar um tombo.

Embora provavelmente pareça que eu deveria ter simplesmente atravessado aquilo, o problema é que, no fim das contas, tudo é energia. Para fazer contato com algo mais sólido, para vivenciar o plano terreno da maneira como eu fazia antes, era preciso canalizar sua energia. E estava tão concentrada em canalizar a energia de praticamente tudo à minha volta que... bem, digamos que foi basicamente isso o que me derrubou.

Torci o nariz, afastei a longa franja loura dos olhos e encarei aquela coisa bem diante de mim que me derrubou no chão.

Esperava encontrar alguma pedra irregular, erodida pela água, mas não era pedra nenhuma — pelo menos não do tipo que eu pensava.

Em algum momento ao longo do caminho, sem que eu nem percebesse, a praia havia passado de um manto enevoado de areia branca e águas azuis para um cemitério desolado, sem névoa, aparentemente esquecido, com grama desgastada.

Um cemitério extremamente decrépito, extremamente antigo.

Daqueles com lápides esfaceladas, túmulos afundados e árvores assustadoras, cujos galhos desfolhados pareciam capazes de tirar alguém do chão com suas garras.

O tipo de cemitério que se vê em filmes de terror.

Só que aquilo não era filme, era realidade.

Examinei a lápide em que eu havia tropeçado, procurando um nome, uma data, algo que pudesse ter algum significado ou servir de pista. Ela era tão velha e desgastada que só consegui distinguir o contorno vago do que deviam ter sido as asas de um anjo, mas que poderia muito bem ser qualquer outra coisa, e parte de um nome e uma data que haviam sido apagados pela mão cruel do tempo.

Olhei em volta e notei que havia outras — muitas e muitas lápides. Algumas parecidas, outras não, algumas com detalhes elaborados, anjos e cruzes e coisas desse tipo, outras não mais que um toco pequeno e triste.

E assim que lembrei que Bodhi dissera que o Cão Fantasma costumava proteger túmulos, tumbas e afins, eu vi.

Não o cão.

Não... bem, nada tão substancial para que eu realmente pudesse definir.

Digamos que era como uma luminosidade.

Uma luminosidade suave, de um rosa-dourado.

E eu observei, hipnotizada, praticamente enfeitiçada, enquanto aquilo girava, dançava, flutuava e pulava. Quicando levemente em cima de cada túmulo, saltando de maneira graciosa de uma árvore para outra, até finalmente pousar diante de mim. Pairou enquanto eu me levantava sem jeito e olhava com admiração aquela bola brilhante de energia se esticando lentamente, se curvando e se transformando em um par de olhos, um nariz, uma boca e dentes...

Transformando-se em — *mim!*

Estava tudo ali.

Todas as minhas características, sem tirar nem pôr.

Cabelos louros escorridos: O.k.

Brilhantes olhos azuis: Sim.

Nariz meio achatado: Certo.

Peito completamente liso: Hum, infelizmente, sim.

Vestido enfeitado, repleto de babados, com brilhos e laços demais: *O qu...?*

Fiquei sem fala.

Realmente sem fala.

Meus olhos percorreram todo o espaço, procurando Bodhi e Buttercup, imaginando se eles estavam por trás daquilo, determinados a me perturbar, me assustar e me ensinar a não inventar minhas próprias tarefas.

Mas quando me virei novamente para ela, *ah, mim,* ah, aquilo, comecei a ficar muito irritada com o vestido. É sério, um detalhe frívolo teria sido mais que suficiente, mas colocar babados e renda e franzido e laços e botões brilhantes e reluzentes, bem, certamente era um exagero completo.

Além disso, qualquer pessoa que me conhecia sabia que nem morta (literalmente!) eu usaria um vestido como aquele. O que significava que Bodhi estava mesmo determinado a se vingar de mim por ignorar suas regras; ou que outra pessoa, alguém que obviamente não me conhecia nem um pouco, havia cometido o erro de me subestimar seriamente.

— Desculpe-me.

Ela sorriu, transformando na mesma hora meus traços em características que pertenciam a outra pessoa, alguém que eu não reconhecia.

Em vez de louros e escorridos, os cabelos ficaram castanhos e cacheados, o azul dos olhos virou um castanho-claro profundo e o nariz tornou-se fino e elegante, diferentemente, bem, da forma do meu, e os peitos cresceram, tornando-se um pouco mais substanciais que a versão pateticamente reta à qual estou presa.

Peitos que cresceram de uma forma que nunca aconteceria com os meus.

Mas, por algum motivo estranho, ela optou por manter o vestido, que, se eu estivesse em seu lugar, teria jogado fora antes de mais nada.

— Mas é sempre bom para assustar. E acho que é por isso que não consigo resistir. — O modo como ela riu fez seu rosto se iluminar, e o som era leve e melódico e, bem, até tilintante. O olhar, porém, permaneceu o mesmo, pesado e observador. — Sei que é errado, mas às vezes... — Ela olhou à volta, e foi a toda sua volta. A cabeça girou com rapidez, o pescoço se enroscou e revirou de um jeito muito grotesco enquanto ela passava os braços finos em volta da cintura extremamente estreita. — Bem, às vezes não consigo me conter. — Ela me fitou de novo, rodando a cabeça até que voltasse para o lugar. — Mas, já que você está morta como eu, vou jogar limpo. Vou parar com a brincadeira. Ah, e, por favor, desculpe minha falta de modos. Meu nome é Rebecca. — Ela sorriu e se abaixou no que reconheci imediatamente como uma antiga mesura feminina. Ao abaixar a cabeça diante de mim, ela revelou uma série de ainda mais laços e fitas que desciam pelas costas.

Eu hesitei, ainda um pouco abalada pela visão da cabeça giratória, e esperei para ver o que mais ela faria, o que mais havia planejado.

No entanto, como não aconteceu mais nada, como ela resolveu permanecer a versão recoberta de acessórios de si mesma, acenei levemente com a cabeça e disse:

— Eu me chamo Riley.

Eu esperava que isso fosse o suficiente, já que não tinha a intenção de fazer uma mesura. Nem naquele momento, nem nunca. E então ela respondeu:

— Riley? — Ela estreitou os olhos, deixando-os como duas fendas minúsculas, desprovidos de qualquer luz. — Ora, desculpe-me por perguntar, mas isso não é nome de menino?

Ela inclinou a cabeça para o lado e me encarou. Seus olhos não davam qualquer pista de quais seriam seus pensamentos. E, o que era estranho, diferentemente de muitas outras pessoas mortas que já encontrei, eu não podia ouvi-los. Ela havia encontrado um modo de escondê-los de mim.

— Eu *pareço* um menino? — reagi, um tanto irritada por seu comentário, querendo que ela soubesse que estava pisando em solo muito delicado.

Mas ela apenas comprimiu os lábios e deu de ombros com sutileza. Levando o tempo que queria para responder, agindo como se não tivesse muita certeza. Como se estivesse realmente indecisa entre escolher se achava que o nome era masculino ou feminino.

Eu estava prestes a ir embora, concluindo que já havia aguentado muita brincadeira, quando ela levou a mão a meu ombro e deu um tapinha.

Apenas um.

Leve e rápido.

E foi o bastante para me transportar instantaneamente de volta a meu primeiro dia de aula.

De volta à minha versão magricela, esquelética, vestida com jeans e suéter, usando o que só pode ser descrito como um corte de cabelo "joãozinho" pouco recomendado.

Um pouco recomendado corte "joãozinho" que na época parecia uma boa ideia (principalmente porque minha irmã, Ever, havia cortado o cabelo bem curtinho também), mas que no fim das contas fez com que todo mundo, professores e colegas, achasse que eu era menino.

Foi como se eu tivesse voltado no tempo.

Vi uma série de lápides antigas desgastadas se transformando magicamente em um conjunto de pequenas carteiras escolares, enquanto o grupo de árvores altas e assustadoras, com troncos largos e ocos e galhos longos e finos que lembravam os dedos velhos e retorcidos das mãos de uma bruxa de contos de fadas, virou lousas e cavaletes.

As paredes se fecharam a meu redor, retendo-me, aprisionando-me, até que o que antes era um cemitério antigo, esquecido e abandonado tornou-se uma réplica idêntica de minha sala do jardim de infância. A cena se desenrolou exatamente como eu me lembrava, inclusive com as risadas histéricas, os colegas de cinco anos de idade e uma professora envergonhada e com o rosto corado.

"Riley, sinto muito", disse a Sra. Patterson, levantando os ombros de constrangimento, enquanto um tom vermelho avançava por suas bochechas.

Mas não foi nada comparado ao modo como eu me senti.

A primeira tarefa do dia — logo depois de colar no peito uma etiqueta com nosso nome — era formar dois grupos: meninos de um lado, meninas do outro. E, segundo minha professora, eu já tinha errado aquela tarefa.

Só de olhar para minhas roupas andróginas e meus cabelos curtíssimos a Sra. Patterson presumiu o pior.

Presumiu que eu era um *menino*.

"Por causa do seu... eu achei que você..."

Ela agitava as mãos diante de si, e os olhos buscavam uma justificativa, algum tipo de escapatória.

E eu, com os olhos semicerrados e ardendo, a garganta quente e seca, fiquei ali na frente de meus coleguinhas risonhos, enfrentando o impacto da primeira humilhação terrível na vida.

Olhei para todas as outras meninas, observando um mar quase infinito de cachos, tranças, fivelas e laços, todas vestidas em tons variados de cor-de-rosa, violeta e azul-celeste — não muito diferente daquela fantasma metida, Rebecca —, e uma coisa ficou clara, perfeitamente clara: eu era praticamente a pior coisa que alguém pode ser.

Eu era diferente.

Alguém que não se encaixava.

Embora pouco tempo antes eu tivesse saído de casa nervosa, é claro, mas de maneira geral animada e bem-disposta, após quinze minutos eu já havia sido tachada de "esquisita".

Saí correndo para a porta. Mas, ao contrário da sala de aula verdadeira, aquela porta estava trancada. Então corri para as grandes janelas, mas elas também estavam trancadas.

Não tive escolha além de olhar à minha volta, procurando uma saída e me esforçando para me acalmar enquanto a terrível verdade começava a me invadir: Eu estava presa.

Refém em uma sala cheia de alunos risonhos, zombeteiros, desdenhosos, cada vez mais histéricos, até o ambiente ficar tão contagioso a ponto de inclusive a professora não resistir e se juntar a eles.

Embora eu soubesse, de certa maneira, que aquilo não era exatamente real, que na verdade não havia acontecido daquele jeito, não importava. Lá dentro, bem em meu âmago, em minha alma, as emoções eram exatamente as mesmas daquele dia.

Eu me senti constrangida.

Humilhada.

E assustada e estúpida e totalmente insegura.

Mas, o pior de tudo, fiquei com raiva.

Raiva de meus colegas, por zombarem de mim.

Raiva da professora, por se juntar a eles.

Raiva de mim mesma, por não conseguir me ajustar, por não ser como as outras meninas, por não me esforçar um pouco mais para me encaixar.

Cercada por um coro de risadas que ameaçava me envolver por completo, ataquei as paredes, as portas, bati cada vez mais forte, até que uma risada em particular se destacou das outras.

Uma única risada tilintante que soou acima de todas as outras e me tirou daquela bagunça.

A sala de aula desapareceu.

A professora e os alunos desapareceram.

Enquanto o espaço a meu redor continuava a reluzir e cintilar, e quadradinhos espessos de cinzas choviam a toda volta — flutuando preguiçosamente à medida que caíam, pousando brevemente em meus ombros e

pés antes de se agitar de novo, transformando a cena em um tipo de globo de neve sinistro e sombrio.

Ela olhou para mim com uma expressão solene, implacável, enquanto os dedos longos e finos passeavam pela frente de seu vestido ridículo. Puxando as pregas do laço amarelo grande e largo amarrado em sua cintura, ela olhou para mim e disse:

— Hum, aquilo pareceu ser muito desagradável para você. — Antes que eu tivesse tempo de reagir, acrescentou: — Na verdade, deve ter feito você se sentir muito mal e zangada, agora, *não foi?*

Abaixei a cabeça, olhando para o biquíni e a saída de banho que eu estava usando desde que chegara à ilha, descendo o olhar até os dedos dos pés descalços e sujos. Esforcei-me para me recompor, recobrar o equilíbrio, o senso de orientação, mas a verdade é que aquela cena toda que ela havia materializado me deixara muito mais do que abalada.

Embora não houvesse dúvidas de que ela estava me provocando, tentando me perturbar, me deixar irritada e nervosa, eu não tinha ideia do motivo.

Só sabia que, apesar da abundância de brilhos e laços e cachos, essa menininha fantasma não era meiga e encantadora e graciosa.

Pelo contrário, eu tinha certeza de que ela era algo muito pior.

Rebecca tinha um lado sombrio.

E possivelmente até algum segredo.

Ela vinha perambulando pelo plano terreno havia tempo demais.

Tanto que acabara ficando cansada, entediada e, sejamos realistas, cruel de um modo que provava o quanto ela precisava desesperadamente cruzar a ponte antes de piorar.

Mas, mesmo sabendo tudo isso, quando olhei nos olhos dela eu soube que não conseguiria fazer isso sozinha.

Eu havia chegado em um lugar ao qual claramente não pertencia e não tinha ideia de como escapar daquela confusão.

6

Assim como apareceu, ela desapareceu.

Em um lampejo luminoso que saiu voando pelos túmulos até sumir de vista.

Deixando-me bem ali onde eu estava antes, sozinha naquele cemitério sinistro sem qualquer sinal do cão psicótico, sem qualquer sinal da menina psicótica, sem qualquer sinal de nada além da lembrança para lá de esquecida que ela desenterrara com tanta eficácia.

A impressão ficou, resistia, recusava-se a me deixar — teimando em crescer e se estender até que aquele incidente isolado se tornasse tão intenso, tomasse tanto espaço em minha cabeça, que dominou facilmente todo o resto.

Incluindo a versão que eu sabia ser a verdadeira.

Embora a área lógica de minha mente devesse ter me lembrado logo que a cena constrangedora que eu havia acabado de reviver não passava de um breve episódio que ocorreu naquela época, um único episódio que certamente não fez de mim uma excluída para sempre, embora ela devesse ter me recordado que eu consegui superar aquilo em pouco tempo, a ponto de apenas alguns dias depois duas colegas minhas, Sara e Emma, passarem a tesoura nos próprios cabelos tentando imitar meu visual (para desespero dos pais delas), minha mente lógica não parecia estar funcionando naquele dia.

Minha mente lógica também estava tirando uma folguinha, deixando-me sozinha, indefesa, cercada por aqueles sentimentos havia muito enterrados de constrangimento, confusão e uma intensa raiva efervescente. E ao sair do cemitério não consegui me conter e comecei a examinar os arredores, não pude evitar a vontade de encontrar algum lugar onde eu pudesse abandonar aqueles sentimentos — um tipo de lixão emocional, por assim dizer —, deixá-los para trás e me livrar de seu fardo.

Meus pensamentos logo foram interrompidos quando avistei Bodhi atravessando a neblina, que ainda pairava e pulsava. Ao se aproximar de mim com um olhar furioso que combinava perfeitamente com o tom severo de sua voz, ele disse:

— Certo, Riley. Agora que você já se divertiu, agora que já curtiu seu pequeno ato de rebeldia, estou ordenando que venha comigo.

Ele se inclinou para a frente, olhando para mim de um modo que dava a impressão de que seu rosto e sua voz estavam competindo intensamente para ver qual parecia mais sério.

Alternei o olhar entre Buttercup e ele, retraindo-me ao perceber o jeito como meu cachorro, alimentando-se da energia de Bodhi, olhava para mim com uma expressão que poderia ser interpretada apenas como piedade.

— Porque, caso você tenha esquecido, era para estarmos de férias. Um descanso agradável para que pudéssemos relaxar, nos divertir e, sim, talvez até mesmo nos conhecer um pouco melhor, para que eu pudesse guiá-la com mais eficácia. Mas a única coisa que aprendi até agora é que você é ainda mais teimosa do que eu pensava. Quer dizer, quando eu lhe digo para...

Eu o interrompi, ergui a mão me rendendo e disse:

— Está bem, está bem. — E passei rapidamente por ele, bastante ansiosa para sair daquele cemitério escuro e sinistro e voltar para dentro da neblina. Desesperada para deixar tudo aquilo para trás, tanto no sentido literal quanto no figurado, e seguir com o restante do dia. — Estou pronta para ir, pronta para ver a cidade agora. Não estou mais interessada naquele cachorro psicótico. É sério — acrescentei, ainda seguindo em frente, confundindo o silêncio dele com ceticismo e querendo convencê-lo de que minha repentina mudança de opinião era verdadeira. Sei muito bem que o preço por não convencê-lo seria uma lista interminável de perguntas que eu não tinha intenção de responder.

Por mais de uma razão, eu não pretendia revelar o que havia acontecido — pelo menos não tão cedo. Não enquanto eu mesma ainda tentava entender aquilo.

— Você estava certo.

Confirmei com a cabeça, de forma um pouco enérgica demais, provavelmente exagerando, parecendo um gesto forçado, mas nem por isso me contive. Havia cometido um erro... um erro terrível e impulsivo. Tinha avaliado mal minha capacidade e, ainda pior, avaliado mal a seriedade do que significava irritar o Conselho. Foi tipo um momento de insanidade temporária, mas superei. Superei completamente. A partir daquele instante, eu estava determinada a escutar e fazer o que me mandassem. Já havia esquecido o incidente, e esperava que Bodhi fizesse o mesmo.

— E aí, o que acha de irmos embora? Andando ou voando: você escolhe. Por mim, tanto faz — acrescentei.

Eu parei. Parei de falar. Parei de andar. Fiquei ali parada de costas para ele, sem querer olhar para trás e ver onde eu tinha estado. Mas minhas palavras foram seguidas por um silêncio longo e persistente, e me virei para encarar Bodhi. Pronta para dizer ou fazer o que fosse preciso para sair daquele lugar. E percebi que ele não havia escutado nada do que eu tinha falado.

Bodhi estava distraído.

Não estava prestando atenção alguma em mim.

Na verdade, era exatamente o contrário. Ele se virara e caminhava em uma direção totalmente diferente.

Afastando-se de mim para correr na direção de uma menina linda de cabelos escuros, sendo seguido de perto pelo traidor do Buttercup.

E embora eu tenha gritado o nome de Bodhi várias vezes, nada adiantou. Ou ele não podia me ouvir, ou não queria me ouvir. Toda a sua atenção estava voltada para a figura esbelta e delicada que passeava entre as árvores.

Toda a sua atenção estava voltada para a menina de movimentos ágeis cujos longos cabelos escuros esvoaçavam, ondulavam e se agitavam à sua volta como uma brilhante capa preta.

A menina cujos adoráveis olhos escuros cintilavam e reluziam, cujas bochechas macias iluminavam-se e coravam, cujo rosto inteiro resplandecia com um misto de alegria, amor e deliciosa expectativa enquanto ela se virava, sorria e o chamava com um gesto dos dedos.

Ele a chamava, falando com suavidade, delicadeza, praticamente um sussurro, mas não havia como confundir o tom, a saudade, a nostalgia, quando Bodhi, hesitante, dizia:

— Nicole, por favor, não vá. Espere por mim!

Seus pés moviam-se depressa, correndo pelos tufos de grama morta, passando pelos túmulos. Aproximando-se dela, chegando ainda mais perto, até ela parar ao lado de uma árvore velha particularmente retorcida e desviar o olhar de Bodhi para mim.

E foi quando vi.

Vi o que havia por trás da fachada delicada e bela.

Mas fui a única a ver.

A revelação foi apenas para mim.

Bodhi continuou enxergando a mesma coisa, algo completamente diferente.

E antes que eu pudesse chamá-lo, antes que eu pudesse alcançá-lo ou avisá-lo de alguma forma, ele desapareceu. Deixando-me ali sozinha, olhando enquanto a menina levantava um dedo delicado e sorria ao dar um tapinha no ombro de Bodhi.

Apenas um.

Leve e rápido.

Mas foi o bastante para que uma barreira o envolvesse. Envolvesse... *tudo*.

Deixando-me apenas com o barulho dos uivos melancólicos de Buttercup, o sussurro fraco dos apelos de Bodhi e a terrível verdade do que havia acabado de acontecer diante de meus olhos.

Rebecca.

A terrível, horrenda menina fantasma Rebecca.

Com seu cão infernal de olhos brilhantes a seu lado — ela enganara meu guia e meu cão e os roubara de mim.

7

Fiquei ali parada, boquiaberta, olhando um espaço que não se parecianem um pouquinho com o que era segundos antes — nem um pouquinho com o espaço que eu tinha acabado de deixar.

Além de algumas árvores, pedras e pequenos tufos esparsos de grama morta, o resto, as partes internas, agora estava envolvido por uma espécie de luminosidade suave.

Reluzente.

Não muito diferente da luminosidade que eu tinha visto antes — a luminosidade que transformara uma pequena bola saltitante de energia em Rebecca, a menina fantasma cruel e cheia de acessórios.

Só que essa luminosidade era maior.

Muito maior.

Como uma grande bolha luminosa que envolvia quase todo o cemitério. A parte inferior se fundia com a terra, e as paredes e laterais eram tão suaves, arredondadas e lustrosas que era quase impossível observá-la sem estreitar os olhos.

Como um espelho, refletia tudo o que estava do lado de fora e ocultava os segredos em seu interior.

Embora eu não conseguisse ver através de meu reflexo, sabia que meu guia e meu cão estavam presos do mesmo modo que eu tinha ficado. E se a experiência deles fosse parecida com a minha... bem, então cada um estava prestes a reviver sua própria versão do inferno.

Estreitei os olhos até quase fechá-los e continuei a olhar para a bolha, vasculhando meu cérebro em busca de respostas, pistas, qualquer menção que Bodhi pudesse ter feito sobre uma menina bonita de cabelos escuros chamada Nicole, mas não me lembrei de nada.

A verdade era que eu não sabia muito sobre o tempo que Bodhi passara no plano terreno. Além da data em que ele tinha morrido e a causa, além de ele ter alegado que estava prestes a se tornar skatista profissional, me constrangia admitir que eu não sabia quase nada. Não sabia nada a respeito de onde ele vinha, nada sobre onde ele vivia, quem eram seus pais, seus amigos, se tinha irmãos ou se sentia falta da antiga vida como às vezes eu sentia da minha.

Mas acho que a intensidade da nostalgia contida em sua voz quando ele chamou o nome da menina respondia essa última parte.

Ele sentia falta dela. Muita. Isso ficou claro. Mas o que eu não sabia era por que ele sentia falta dela — quem era ela, o que ela significava para ele.

Deixei-me cair no chão e continuei a encarar o globo luminoso diante de mim com os olhos apertados. Fiquei alternando entre sentir uma vergonha profunda por ser tão egocêntrica a ponto de nunca ter me preocupado em conhecer a história pessoal de meu guia — nunca ter demonstrado o mínimo interesse — e imaginar o que eu poderia fazer para libertá-los daquele lugar.

Como eu poderia libertá-los do mundo de dor de Rebecca.

Pela lógica, qual seria meu passo seguinte.

Quanto mais eu pensava, mais as coisas pioravam, à medida que eu permitia que minha imaginação tomasse conta. Correndo solta com visões de Bodhi passando por todo tipo de humilhação e tortura emocional (estarmos mortos pode ter nos deixado bem fora do alcance da tortura física, mas não fazia nada para reforçar nossa imunidade contra sentimentos como medo, terror e outras táticas de ataque psicológico autoinfligido) e Buttercup... bem, eu não conseguia imaginar o que teria sido um dia ruim em sua vida passada extremamente confortável, indulgente a ponto de beirar o ridículo, com muita comida e diversos cuidados. Mas, conhecendo Rebecca, ela descobriria algo, e não tenho dúvidas de que teria a ver com sua Fera Infernal com olhar de laser e dentes tão afiados quanto navalha. Seja intuição, seja o que for: mesmo sem saber ao certo o que estava acontecendo lá dentro, eu sabia que era algo errado.

Terrível e tragicamente errado.

E também sabia que era *minha* culpa.

Se eu não tivesse decidido sair bisbilhotando, se não tivesse contrariado as advertências de Bodhi e rastreado aquele Cão Espectral idiota, nenhum de nós estaria nessa situação.

Eu havia decidido exercer meu livre-arbítrio enfiando meu nariz achatado onde claramente não tinha sido chamada.

E agora, como resultado, meu guia e meu cão estavam presos.

Eu me sentia péssima, culpada e, para dizer a verdade, muito preocupada com a repercussão que isso ia ter no Conselho. Eu não tinha ideia de como me puniriam, mas com certeza eles fariam isso. E embora Bodhi tivesse tentado me alertar, tentado me impedir de fazer justo o que eu queria tanto fazer, não fui capaz de escutá-lo. Fora, portanto, a única responsável por nos colocar nessa confusão, e também a única responsável por nos tirar dela. No entanto, por mais que estivesse preocupada com o que poderia enfrentar ao voltar a Aqui&Agora, naquele momento eu precisava deixar isso de lado por causa de assuntos mais urgentes. Meu guia e meu cão estavam presos, e eu não podia mais me permitir continuar ali sentada sem fazer nada. Então me levantei, corri na direção daquela bolha luminosa e me joguei contra ela. Bati com os punhos nas laterais, ataquei-as com toda a minha força... mas não adiantou.

Era impenetrável.

Apesar de meus esforços, a bolha não tinha nem sinal de amassado.

Eu só tinha uma certeza:

Ninguém tinha permissão para entrar ou sair sem o consentimento de Rebecca.

8

Recuei, afastei-me de tudo. Olhando à minha volta, eu me sentia ansiosa, impotente e miseravelmente incapaz. Imaginava se poderia fazer algo sem piorar ainda mais a situação.

Já havia gritado o nome deles, já havia alternado entre implorar a Rebecca e ameaçá-la, e estava chegando rapidamente ao ponto de ficar completamente histérica.

Estava quase tão desesperada a ponto de considerar voltar a Aqui&Agora para tentar recrutar algum tipo de reforço disposto a ajudar... e então escutei.

Um farfalhar leve, quase inaudível, que parecia emanar de todas as partes e de lugar nenhum. Virei-me, com uma expressão de cautela no rosto, à procura da fonte. Vi algo surgir lentamente no meio da vegetação — um pé, uma perna, um torso, uma cabeça... o corpo todo saindo e perguntando:

— *Você é Riley?*

Seus olhos cravaram em mim de um modo que, bem, se eu ainda precisasse respirar, digamos que aquele seria o momento exato em que eu prenderia a respiração até ficar com as bochechas inchadas.

Teria sido o momento exato em que eu prenderia a respiração por tanto tempo que meu rosto ficaria azul e os olhos ameaçariam saltar das órbitas.

No entanto, naquelas circunstâncias, apenas correspondi o olhar dele com o meu, tentando distinguir verdade de ficção — incapaz de dizer se o que eu estava vendo diante de mim era mesmo real.

Embora ele não me fosse nem um pouco familiar, embora as palavras que se seguiram nada significassem para mim, não queria dizer que, de alguma forma, Rebecca não tivesse nada a ver com aquilo. Não queria dizer que ela não o havia enviado com o único propósito de me aterrorizar.

— Como sabe meu nome? Estreitei os olhos até deixá-los como duas fendas.

— Sou Kanta. *Príncipe Kanta* — disse ele, mantendo a expressão suave e firme.

— E você, Riley Bloom, não tem nada a temer. Pelo menos não de mim. Joguei os ombros para trás, endireitei as costas e inclinei o queixo, esperando parecer muito mais confiante e imponente do que eu talvez parecesse antes. Sustentando o olhar dele com persistência, respondi:

— Embora isso não responda à minha pergunta, fique sabendo que não tenho nada a temer de ninguém. Caso não tenha notado, estou morta.

Ele deu um meio sorriso, insinuando o que poderia ter sido uma estonteante exibição de dentes brancos largos, grandes e ligeiramente tortos, lábios rosados e duas covinhas bem-delineadas que sulcavam sua pele macia e escura — se ele não o tivesse desfeito com tanta rapidez.

— Assim como eu. — Ele acenou com a cabeça, pronunciando as palavras de maneira ao mesmo tempo altiva, gentil e séria. Então fez uma mesura profunda diante de mim, abaixando e levantando a careca brilhante, mantendo seus olhos escuros e intensos fixos nos meus. — Normalmente eu concederia tempo para uma apresentação mais formal, mas espero que possamos pular essa parte e chegar logo ao assunto em questão.

— Que assunto?

Ergui as sobrancelhas enquanto observava os detalhes: as maçãs do rosto muito proeminentes, o nariz largo, os lábios volumosos, o queixo forte e o corpo musculoso com ombros ultralargos, coberto com o que parecia um amontoado horrível de trapos.

Vi uma camisa branca manchada e desgastada colocada para dentro de calças escuras bastante rasgadas e surradas, cortadas e desfiadas na altura do joelho, e não pude deixar de me perguntar que tipo de príncipe sairia por aí daquele jeito. Por que alguém da nobreza, ou até da realeza, optaria por se vestir de modo tão... esculhambado?

Mas eu não devia ter ficado tão surpresa, já que ele não era o único. De todos os fantasmas que eu já havia conhecido, nenhum optou por se aprimorar, acompanhar a mudança dos tempos ou tirar um mínimo de vantagem do maravilhoso dom da materialização instantânea que praticamente dava acesso livre ao guarda-roupa de seus sonhos mais surreais.

Todos os fantasmas que eu já havia conhecido (para minha decepção) preferiram ficar presos em algum tipo de desvio temporal tragicamente fora de moda, insistindo em manter o mesmo tipo de roupa que usavam quando foram vistos vivos pela última vez, qualquer que fosse a data.

— Peço desculpas se minha humilde aparência a incomodou ou a fez duvidar de minha legitimidade de alguma forma. — Ele se livrou imediatamente dos trapos, materializando em seu lugar uma túnica colorida coberta de padrões elaborados. — Espero que este visual não a ofenda.

Fiquei vermelha, ciente da cor que subia às minhas bochechas à medida que a expressão de constrangimento tomava meu rosto. E não pude deixar de me perguntar quando eu, enfim, aprenderia a ter pensamentos mais simpáticos agora que praticamente todos à minha volta (bem, todos que estavam mortos, pelo menos) podiam ouvi-los. Ou, no mínimo (e o que era muito mais plausível, considerando que se tratava de mim), quando eu finalmente aprenderia a ocultá-los.

Comecei a me desculpar, lamentando o que ele havia escutado, mas não fui muito longe até que ele logo dispensou minhas desculpas. Erguendo a mão e mostrando a palma cheia de calos, ele disse:

— Não há necessidade. Nem tempo, por sinal. Por favor, permita-me ir direto ao ponto já que se trata de uma questão urgente. Rebecca aprisionou seu bom amigo, não foi?

— Por que está dizendo isso?

Estreitei os olhos, sem ter certeza de que podia confiar nele. Sem estar convencida de que ele poderia ajudar.

— Tenho conhecimento de tudo o que acontece nesta região. Tudo. Inclusive seu nome. Soube de você e de seu problema no momento em que ele começou. O que também significa que sei também que você precisa de minha ajuda.

Olhei para ele, em parte querendo negar que eu sequer tinha um problema, principalmente porque estava um pouco assustada.

Certo, talvez eu estivesse muito assustada. Quer dizer... ele praticamente pulou dos arbustos, apareceu do nada, alegando saber de tudo — e como eu também não conseguia ouvir seus pensamentos, não tinha como saber quais eram suas intenções.

Mas, ao fitar seus olhos gentis e brilhantes, percebi que o pensamento vinha de minha parte mais paranoica.

A parte mais racional sabia que eu precisava de ajuda.

Precisava de ajuda, tipo, imediatamente, para dizer o mínimo.

Eu estava em uma bela confusão — uma situação tão além de meu alcance que eu não tinha escolha a não ser procurar uma solução além de minha capacidade, que admito que era insuficiente.

Eu estava perdida e desorientada demais para sequer tentar fazer algo sozinha.

E essa foi mais ou menos a única razão que me fez decidir dar o salto — decidir depositar toda minha confiança nesse estranho esquisito e esculhambado que dizia ser um príncipe, apesar do monte de evidências que mostrava o contrário.

Deixei minha parte mais lógica agir, endireitei os ombros, encarei-o diretamente nos olhos e disse:

— Preciso, sim, de sua ajuda. Preciso mesmo. Ela não apenas está com meu amigo, mas também com meu cachorro.

9

Ele me observou cuidadosamente, com expressão solene, olhar austero, sustentando meu olhar como se estivesse avaliando-o com muita seriedade.

Então, sem dizer uma palavra, sem sinal algum além de um levíssimo aceno com a cabeça careca e brilhante, ele se virou, fez um gesto para que eu o acompanhasse e me levou para fora do cemitério, para longe da bolha, até o que parecia uma pequena cabana com teto de palha, na areia.

Esperei na entrada, sem nenhuma intenção de seguir adiante. Tamborilando os dedos no quadril, eu disse:

— Então, este deve ser seu... palácio?

Torci o nariz e examinei o lugar. Observei o teto de palha, as quatro hastes de bambu seco que o sustentavam, a grama trançada que servia como tapete e as duas almofadas coloridas colocadas no meio — um ambiente tão simples e humilde que, devo admitir, fez despencar minha confiança nele, a qual já era frágil.

Quer dizer, que ninguém me leve a mal, mas ele não tinha dito que era um príncipe?

Ele não tinha feito questão de enfatizar a palavra?

Fiquei observando enquanto ele se ocupava em um canto, de costas para mim, realizando alguma tarefa. Ele ignorou meu comentário, não me deu atenção alguma, e foi então que percebi o que não havia notado antes.

O príncipe Kanta era louco!

Como uma daquelas pessoas pobres, necessitadas e sem-teto que eu via às vezes no plano terreno, perambulando pelas ruas, resmungando sozinhas.

Ele estava delirante.

Insano.

Vivia em um tipo de mundo fantasioso que existia apenas em sua cabeça — um mundo onde príncipes se vestiam com trapos e viviam em barracos. Totalmente convencido de que fazia parte de algum tipo de realeza quando, na verdade, pelo que eu estava vendo, não era nada disso. E aparentemente eu tinha sido bastante idiota, bastante desesperada para que ele quase conseguisse me convencer também.

Comecei a me afastar, ansiosa para dar o fora dali, quando ele se virou, ergueu as mãos juntas diante de si e me ofereceu uma espécie de chá que havia acabado de preparar.

Fiquei na ponta dos pés e olhei para o líquido escuro e fumegante na pequena xícara amarela — vi pedacinhos de ervas agarrando-se uns aos outros e acumulando-se na borda. Estreitei meus olhos, desconfiada, sendo assaltada por todos os avisos que já escutei sobre o perigo de aceitar doces de estranhos, sobretudo estranhos completamente malucos e pirados. (Desconsiderando que o fato de eu estar morta garantia que esse tipo de coisa não podia mais me prejudicar.)

— Tome. — Ele empurrou a xícara em minha mão e pegou uma para si mesmo. Sentando-se na almofada de padrões azuis com um movimento rápido e fluido, ele deu um tapinha na almofada laranja a seu lado, com uma estamparia de raios. — Agora, sente-se — ordenou.

Eu sabia que não devia obedecer.

Sabia que deveria aproveitar a oportunidade para dar o fora dali. Tirar vantagem de estar próxima da entrada e correr enquanto podia.

Mas, em vez disso, por alguma razão inexplicável, vi-me sentada ao lado dele, cruzando as pernas educadamente enquanto segurava minha xícara morna.

Ele soprou o chá, provavelmente mais por hábito e ritual do que por necessidade, olhando para aquele oceano azul pelo que pareceu muito tempo. Ficou olhando por tanto tempo que eu estava começando a me sentir bastante inquieta. Começando a ficar muito irritada com toda aquela situação. Estava claro que de modo algum um chá idiota ao estilo Chapeleiro Maluco iria me ajudar a libertar meus amigos. No máximo, era o contrário: aquilo tudo estava sendo uma grande perda de tempo.

E eu estava prestes a expressar esses sentimentos quando ele olhou para mim e disse:

— Beba.

Ele provavelmente imaginava que, como eu já havia obedecido às ordens anteriores, cumpriria cegamente aquela também.

Mas eu estava farta de ser comandada, de ser tratada como uma súdita real, e estava prestes a começar a fazer minhas próprias exigências quando ele se virou, encarou-me com firmeza e repetiu:

— *Beba*.

Tentei desviar o olhar, mas não consegui.

Tentei me levantar e sair dali, mas também não consegui.

Foi como se seus olhos estivessem me aprisionando, paralisando-me de uma forma muito estranha. E quanto mais eu tentava resistir àquilo, mais percebia que era inútil.

A palavra veio novamente:

Beba.

Seu olhar ficou mais intenso, e ele tirou um fio solto de sua túnica e o colocou em minha xícara.

E mesmo sentindo nojo só de olhar, mesmo expressando meu nojo ao gritar “Eca!” — mesmo que nenhuma parte de mim tivesse de fato aceitado agir —, minhas mãos ergueram-se como que por mágica, foram do colo à boca, onde inclinei a xícara, levei-a aos lábios abertos e deixei que o líquido entrasse.

Beba.

A palavra girava, repetia-se, obscurecendo minha cabeça, minha visão, minha vontade — até que a xícara escapou de meus dedos, vazia, e meu corpo desmoronou no chão.

10

Eu estava cercada por névoa. Uma névoa densa, branca e luminosa. Com os olhos apertados, eu me esforçava para enxergar o caminho, sabendo vagamente que precisava estar em um lugar do outro lado da neblina.

Um destino importante que ele insistiu para que eu procurasse.

Continuei adiante, com as mãos estendidas à frente, procurando abrir caminho afastando toda a névoa. Minhas primeiras tentativas não alcançaram sucesso algum; na verdade, só pareceram fazer a neblina ficar mais densa. Mas depois, pouco a pouco, ela começou a se dissipar, até que me vi diante de um castelo simples, porém bem impressionante, como uma fortaleza cercada por uma sólida muralha de pedra.

— É isso? É isso o que você queria que eu visse?

Olhei por cima do ombro para o príncipe Kanta, vendo-o confirmar com a cabeça.

E havia algo no modo como ele o observava, no modo como seus olhos se contraíam, como sua garganta oscilou um pouco — algo no modo como ele permanecia tão quieto e imóvel — que me indicava que para ele aquilo era mais do que um palácio antigo qualquer com o qual havíamos acabado de deparar.

Ele tinha no rosto uma expressão que eu conhecia muito bem.

Era a mesma expressão que às vezes eu adotava quando me esgueirava para dentro do Observatório lá em Aqui&Agora, onde eu me enfiava em um daqueles cubículos acortinados, sentava em um daqueles banquinhos duros de metal, indicava a localização desejada e observava o dia a dia de minha irmã e de meus amigos lá no plano terreno.

Era um olhar de nostalgia determinada.

O tipo de olhar que uma pessoa assume quando percebe que aquilo que ela mais amava no mundo nunca poderá ser seu.

— Então você foi mesmo um príncipe.

Olhei para ele com um senso renovado de admiração e uma boa dose de culpa. Sentindo-me péssima por ainda não ter aprendido a lição quanto a julgar pelas aparências e decidir duvidar dele só por causa das roupas que usava e da cabana em que escolhera morar. Mas, ainda assim, não posso ser culpada pelo veredito quando todas as evidências eram claramente desfavoráveis.

— Realmente fui. — Ele confirmou com a cabeça, virando-se de costas para a cena. — Realmente fui.

Ele então acenou para mim, e começamos a nos afastar dali, mas depois de me esforçar tanto para chegar até ali eu não estava pronta para ir embora tão cedo.

— É isso? — Franzi a testa, inclinei a cabeça e ergui as mãos. — Você realmente se deu o trabalho de me drogar com seu chá especial só para que eu pudesse dar uma olhada rápida em um castelo antigo e depois você tentar me convencer a irmos embora? Porque, desculpe dizer, acho que o mínimo que você poderia fazer depois de me obrigar a passar por tudo aquilo é me mostrar um pouco do lugar. Pelo menos me deixe passar do portão grande. Quer dizer, caramba!

Comecei a sacudir a cabeça, revirar os olhos, e antes que eu voltasse a baixá-los ele disse:

— Há muito mais para ver, acredite em mim. — Ele me encarou com seus olhos grandes e escuros. — Mas não há mais nada para se ver aqui. Este lugar não existe mais. Já desapareceu há muitos séculos. Você deve entender, Riley, que tudo no plano terreno é efêmero. Tudo. No mundo físico a mudança é a única coisa com que se pode contar. A mudança é a única constante que existe.

Ele ergueu a mão bem para o alto e apontou para alguma coisa atrás de meu ombro. Eu me virei e vi o céu, que pouco antes estava nebuloso, porém claro, ficar coberto de fumaça, enquanto o local onde estava o palácio era reduzido a um amontoado de escombros e poeira, e o solo se tornou vermelho, cheio de sangue.

— Fomos invadidos — disse com a voz firme e segura. E quando olhei novamente para ele notei que os trapos velhos e surrados estavam de volta, substituindo a túnica elegante que ele havia materializado. — Como resultado, vim parar aqui.

— Na ilha?

Torci o nariz, surpresa por me ver de repente de volta à praia. Só que estava diferente. Diferente de um modo que eu não era capaz de definir.

Ele fez que sim com a cabeça, apontando em silêncio na direção de uma mansão semelhante a uma casa de campo gigantesca, que surgia de forma assustadora sobre uma colina — do tipo que se vê em filmes ou livros — e que, embora não fosse nem de perto tão grande quanto o palácio que ele havia acabado de me mostrar, ainda era de um tamanho considerável, pelo que pude ver.

Olhei para o príncipe Kanta e a casa, sabendo que ela deveria ter um significado, simbolizar algo, mas sem saber ao certo o que era.

— Então, basicamente, você foi de um palácio africano a uma casa de campo no Caribe e, depois, para uma cabana na praia com teto de palha, onde, por algum motivo, prefere morar agora. — Eu me virei, passando os olhos por

seu corpo alto, mas ele permaneceu quieto e imóvel. — Quer dizer, você prefere morar ali, certo? Porque se não preferir, se não estiver tão feliz assim com aquele tipo de... — Fiz uma pausa, procurando a palavra certa, que não soasse muito crítica ou ofensiva, mas não consegui pensar em nada, então disse: — Enfim, sabe que pode materializar uma casa inteira nova com a mesma facilidade com que materializa suas roupas? — Olhei para ele, tentando decifrar sua expressão, mas nada descobri. — Uma pedra, um castelo, não há limites... só precisa imaginar, ver a si mesmo tendo aquilo, e é seu. Fácil, fácil!

Ele se virou até ficar de costas para mim. E devo dizer que aquilo realmente me irritou, pois eu ainda não tinha terminado meu discurso. Estava apenas começando, prestes a informá-lo sobre meu cargo de Apanhadora de Almas e a me oferecer para acompanhá-lo até a ponte assim que tudo aquilo terminasse.

Mas quando eu estava prestes a entrar naquele assunto, ele olhou por cima do ombro, colocou o dedo diante dos lábios e apontou para a frente, sussurrando:

— Você faz muito barulho, Srta. Riley Bloom. E por causa disso não entende nada. Apenas olhe. Não fale. Deixe a história vir até você.

Certo, para ser bem sincera, isso quadruplicou minha irritação. Quer dizer, ele tinha me afastado de meus amigos, que precisavam desesperadamente de minha ajuda, apenas para me distrair com um chá esquisito e uma coleção aleatória de imóveis nem-tão-impressionantes que ele fazia questão de me mostrar.

E agora estava me dizendo que falo muito e que basicamente preciso calar a boca?

Pelo menos foi o que pareceu.

Ainda assim, por algum motivo meus lábios se fecharam e meus olhos seguiram a ponta de seu dedo, que indicava o lugar onde um homem — que era exatamente como o príncipe Kanta e que após alguns momentos de observação percebi ser o príncipe Kanta — passava dias aparentemente árduos de trabalho no campo.

— Eu... eu não entendo — deixei escapar, lembrando tarde demais que ele não queria que eu falasse. Mas, mesmo assim, eu estava confusa e precisava de respostas, e ele era a única pessoa por perto que poderia fornecê-las. — Achei que você fosse um príncipe. Achei que vivesse naquele castelo na África. — Ele olhou para mim, confirmando com a cabeça. — Então, por que deixaria uma vida confortável como aquela para vir aqui e apanhar e ser chicoteado mesmo trabalhando muito?

Mas, então, entendi.

Antes que ele respondesse, o motivo ficou claro.

O príncipe Kanta pode ter vindo para aquela ilha, mas não tinha sido escolha dele.

O príncipe Kanta pode ter sido um governante na África, mas ali, naquele lugar, ele não mandava nem na própria vida.

Ele havia passado de uma vida luxuosa de nobreza para a vida terrível de escravo.

Forçado a trabalhar na fazenda de sol a sol e a sofrer surras terríveis sempre que tinha o azar de desagradar seu senhor.

— Efemeridade. — Ele afirmou com a cabeça, desviando os olhos da cena desoladora para olhar para mim. — É como eu disse antes: nada dura para sempre, Riley. Nem sempre terminamos no mesmo lugar onde começamos.

Engoli em seco — um velho hábito que sobrou de meu tempo no plano terreno —, virei-me e observei a terrível cena que se desenrolava diante de mim. Observei uma série de surras, atos desumanos de tortura, incluindo um tão indescritível, tão bárbaro, tão inimaginavelmente cruel, que eu tinha certeza de que não podia ser verdade. Eu tinha certeza de que ele estava forçando muito a barra apenas para me impressionar.

No entanto, apesar dos esforços para desviar o olhar, apesar de virar as costas, fechar os olhos e colocar as mãos nos ouvidos para abafar aqueles gritos terríveis, atormentados e agonizantes — apesar de todas essas técnicas evasivas —, não havia como escapar.

Não importava o quanto eu tentasse me proteger daquilo, a cena continuava a passar diante de mim, atrás de mim, à minha volta, dentro de mim.

E como não havia modo de fazê-la parar, de silenciá-la, eu não tinha escolha a não ser deixá-la prosseguir até o final.

Então eu vi.

Vi sendo reunido um grupo de escravos, aqueles que haviam sido considerados desobedientes, problemáticos, de um jeito que irritava o dono da fazenda.

Vi quando foram arrastados para um trecho extenso e intocado da praia, onde foram enterrados até o pescoço na areia branca.

Vi o senhor cruel e sádico, junto com seus amigos, desfrutar um jogo de "boliche" usando a cabeça exposta dos escravos como pinos.

Vi um escravo após outro morrer prematuramente, de modo trágico e horrendo.

Foi repugnante.

A verdadeira definição de *pavoroso*.

E era difícil imaginar que alguém pudesse ter prazer com algo tão cruel. Ainda assim, lá estava um pedaço revoltante de história passando diante de meus olhos. E, felizmente, após alguns minutos assistindo àquilo, o príncipe Kanta fez a gentileza de eliminar a cena.

Mas, mesmo não sendo mais forçada a assistir, as imagens perduraram, continuavam passando em minha cabeça, deixando-me enojada, triste e extremamente revoltada ao pensar que aquilo tivesse acontecido por tanto tempo e que ninguém tentara impedir.

Eu estava prestes a expressar esses pensamentos, a dizer ao príncipe que sentia muito, quando uma nova cena apareceu.

A mesa tinha sido virada.

Os oprimidos se levantaram, reuniram-se e sistematicamente venceram seus opressores.

Uma revolta estava acontecendo — escravos contra senhores.

E se eu ainda tivesse um coração batendo em meu peito, aquele teria sido o momento em que ele estaria saltitando. Liberta da cena pesada que eu havia visto pouco antes, sentia-me mais leve, mais animada, com a certeza de que veria a justiça necessária.

O primeiro a morrer foi o sádico dono da fazenda. E eu estaria mentindo se dissesse que não dei socos de felicidade no ar.

Mas não demorou muito para minha felicidade se transformar em outra coisa, quando o príncipe Kanta colocou a mão sobre a minha e lentamente a abaixou, apontando silenciosamente com a cabeça na direção da cena seguinte.

A cena em que aparecia a filha do senhor de escravos, morta logo após o pai.

Uma menina que imaginei ter mais ou menos minha idade.

Uma menina de cabelos castanhos cacheados, profundos olhos castanho-claros, nariz longo e elegante, usando um vestido cheio de adereços com um grande laço amarelo na cintura e um pequeno cachorro preto a seu lado.

Uma menina que reconheci imediatamente como Rebecca.

11

Quando abri os olhos, estava em uma posição que me fazia olhar diretamente para os pés descalços e calejados do príncipe Kanta. Minha bochecha estava pressionada com força contra o tapete de grama trançada, o corpo ainda virado de lado.

E foi quando percebi que, apesar de tudo aquilo que eu tinha visto, na verdade não havia ido a lugar algum.

Não havia colocado os pés fora da praia, nem mesmo fora da cabana.

O chá foi a viagem.

Tratei de me recompor, endireitando os membros até conseguir permanecer novamente sentada direito. Fiquei observando o príncipe Kanta, sentado bem à minha frente, enquanto uma confusão de emoções conflitantes corria solta por minha cabeça.

Eu estava sem palavras.

Completamente pasma e emudecida.

O que você, se tiver me acompanhado até este ponto, sabe que não é uma sensação com a qual estou muito acostumada.

Mas é preciso reconhecer: o príncipe Kanta não tentou me apressar. Na verdade, ele parecia bastante satisfeito sentado em sua almofada, de pernas cruzadas, pés apoiados nos joelhos, observando calmamente o embalo incessante do mar. Dando-me todo o tempo de que eu poderia precisar para assimilar todas aquelas cenas horríveis que havia acabado de ver.

— Então Rebecca assombra o plano terreno porque foi assassinada? — arrisquei, imaginando que eu precisava fazer alguma tentativa, e tanto fazia por onde começasse. — E se for esse o caso, é por isso que você assombra também?

Ele me encarou, observando-me com aquele seu olhar infinito. Sustentou o olhar por tanto tempo que comecei a me sentir um pouco inquieta, agitada, até que ele enfim disse:

— Não exatamente.

Franzi a testa por baixo da franja e esperei que ele explicasse melhor. Mas, como não houve mais nada, como ele continuou ali sentado, decidi ir com tudo e perguntei:

— Então acho que realmente não entendi. Quer dizer, por que ela está aqui? Qual é o propósito da bolha e... e todo o restante?

Estremeci pelo modo como minha voz falhou no meio da frase, sabendo que havia revelado o tamanho de meu desespero para tentar entender aquilo.

Em minha primeira tarefa como Apanhadora de Almas, não demorei muito para apreender que conhecer as motivações de um fantasma, quais eram suas razões para vagar pelo plano terreno, me ajudaria quando chegasse a hora de lidar com ele. E, como Rebecca havia aprisionado meus amigos, bem, eu estava bastante ansiosa para descobrir o que a motivava.

Então esperei. Esperei o que pareceu um período ridiculamente longo do mais agonizante dos silêncios. Esperei até que o príncipe Kanta finalmente olhou para mim e disse:

— Rebecca assombra o plano terreno porque tem raiva. Muita, muita raiva. E embora seja verdade que a raiva resulte de seu assassinato, o assassinato em si não é o que a deixa presa a este lugar. A raiva é a única responsável por isso.

Certo, por um lado entendi, mas, por outro, não. E sabendo que ele não era do tipo que simplesmente revelava as respostas, que insistia para que eu me esforçasse para consegui-las, perguntei:

— Então é por isso que você também ficou para trás? Porque também está com raiva do que aconteceu com você?

Juntei as mãos no colo, entrelaçando os dedos nervosamente. Vi seu rosto apresentar várias expressões e tive certeza de que o havia agredido de algum modo, cruzado algum limite invisível, até que ele fez praticamente a última coisa que eu esperava.

Sorriu.

Certo, talvez tenha sido um meio sorriso.

Ainda assim, suas bochechas se alargaram, as laterais dos lábios se ergueram e se curvaram o suficiente para deixar as duas covinhas aparecerem. Estava tudo ali diante de mim: o franco início do que poderia ter resultado em um sorriso realmente adorável, mas então ele o desfez com tanta rapidez que fiquei imaginando se havia acontecido mesmo.

— No começo, foi minha raiva que me manteve aqui, sim. — Ele confirmou com a cabeça, com o rosto de novo solene e sério. — Mas não é mais.

Fiquei pensando em suas palavras, rodando-as em minha cabeça, analisando cada uma delas com cuidado, repetindo-as em silêncio várias vezes. No entanto, apesar das tentativas, apesar de meu esforço para compreendê-las do melhor modo possível, ainda não conseguia entender quase nada do que ele tinha falado.

Obviamente captei a parte sobre a raiva ser a cola que prendia Rebecca ao plano terreno, e que antes o prendia também e blá-blá-blá. Quer dizer, *dã,* não sou burra. Mas o que eu não entendia era, se ele não estava mais preso ao plano terreno daquele modo específico, por que ficar? Por que se apegar a um passado tão terrível quando era fácil seguir em frente, para algo melhor do que aquilo que ele tinha?

Imaginando que precisaria mais uma vez tentar oferecer meus serviços, olhei para ele e disse:

— Então, se você superou a raiva, por que não cruza logo a ponte? Quer dizer, não estou querendo me gabar nem nada do tipo, mas levar as pessoas ao outro lado é, digamos, minha especialidade.

Não consegui conter o sorriso ao dizer aquilo; fiquei fortalecida por aquelas palavras. Elas me lembravam de que eu tinha um propósito e de que eu era boa naquilo, e, pelo menos por um instante, isso amenizou um pouco a culpa que eu sentia por ter feito meus amigos serem aprisionados.

Mas o príncipe Kanta não se comoveu, e se minha especialidade o impressionou, bem, digamos que ele conseguiu esconder isso de mim muito bem.

Pelo visto, ele não tinha interesse algum na ponte, em Aqui&Agora, nem em nada do tipo. Ele parecia perfeitamente satisfeito com sua cabana estranha, as roupas surradas e o chá esquisito.

— Não posso ser livre até que meus irmãos e irmãs também estejam livres. As palavras foram simples, diretas, ditas com um sotaque de que eu realmente estava começando a gostar. No entanto, não conseguia deixar de achar que elas não eram exatamente o que pareciam à primeira vista.

Era como se ele estivesse falando por meio de charadas.

Como se estivesse escondendo algo de mim. E isso bastou para reacender minhas suspeitas.

— Muitos deles ainda estão presos aqui. Não posso obter minha liberdade até que eles também sejam libertados — acrescentou, embora as palavras não tenham me tranquilizado.

Tipo, se ele estava relutando tanto em seguir em frente, então tudo bem, que seja, a escolha era dele. Quer dizer, talvez Bodhi tivesse razão: talvez eu devesse me ater aos trabalhos determinados pelo Conselho e ignorar todas as outras almas que encontrasse vagando.

A única coisa que eu sabia é que cada minuto passado naquela cabana falando de assuntos sem sentido com o príncipe e vendo cenas que nada tinham a ver comigo eram sessenta segundos perdidos que eu podia ter usado ajudando meus amigos.

Fiquei em pé e, com a voz agitada, até mesmo um pouco brava, encarei o príncipe Kanta e falei:

— Escute, desculpe-me por dizer, mas não entendo por que você não podia ter me contado isso tudo desde o início. Quer dizer, para que tudo isso? — Agitei o braço diante de mim. — Para que me arrastar até aqui para beber seu chá esquisito quando podia ter resumido a história toda lá no cemitério? — Eu o olhava com raiva, sabendo que minhas emoções estavam começando a tomar conta de mim, mas naquele momento eu não dava a mínima. — Quer dizer, você sabe que meus amigos estão presos, precisando desesperadamente de minha ajuda, e, ainda assim, em vez de ajudar como prometeu, preferiu me arrastar até aqui apenas para me fazer perder tempo. — Balancei a cabeça e caminhei para a porta, sem nem olhar para trás ao dizer: — Escute, se algum dia tiver vontade de deixar este lugar, me avise. Verei se há espaço em minha agenda.

Minha intenção era sair, já estava com um pé colocado com firmeza do lado de fora daquela cabana, mas logo fui interrompida por sua voz, dizendo:

— O chá se chama *chá da memória*.

Parei, olhei por cima do ombro e o vi me encarar com uma expressão penetrante.

— E você tem razão, eu poderia simplesmente ter lhe contado a história. Teria sido bem fácil. Mas escolhi o chá por uma razão. Queria que você visse a história com seus próprios olhos, em vez de escutar minha versão talvez parcial. Também poderia ter envolvido você com a cena e deixado que a vivenciasse diretamente, mas achei que seria muito terrível, muito assustador para uma criança de sua idade. Além disso, esse tipo de coisa está mais no campo de Rebecca.

Estreitei bem os olhos. Estreitei-os até mal poder distinguir sua silhueta escura e alta. E, embora com certeza aquelas palavras fizessem todo o sentido do mundo a seus ouvidos, aos meus, não tanto.

Era apenas mais uma charada.

Mais palavreado elaborado e sem sentido que me fazia questioná-lo ainda mais.

Cruzei os braços, apertei os lábios e dei mais um passo à frente. Parei novamente ao ouvi-lo dizer:

— Palavras têm o poder de machucar ou de curar, Riley. Podem ser usadas para pintar várias paisagens emocionais. E muitas vezes são influenciadas, se não distorcidas, por aquele que fala. Foi necessário que você visse a história com os próprios olhos, que a submetesse a seu próprio filtro, seu próprio conjunto de opiniões e preconceitos, sem ser influenciada pelos meus. Não há nada como realmente testemunhar algo para compreendê-lo de uma forma verdadeiramente sua. Então, diga-me, Riley, o que você viu não a comoveu? Estou curioso para ouvir sua percepção daquilo.

Eu estava mais do que pronta para dar o fora, ansiosa para voltar para aquele globo infernal de neve onde Bodhi e Buttercup precisavam desesperadamente de minha ajuda. Mas, assim como antes, a única coisa que eu queria fazer naquele momento acabou sendo exatamente o oposto daquilo que de fato fiz.

Em vez de ir embora, de dar *adiós* ao príncipe, eu me virei de costas, me virei até ficar mais uma vez de frente para ele, e tentei explicar o conjunto confuso de emoções que havia sentido — emoções que eu escolheria de muito bom grado nunca mais vivenciar. Mas, agora que eu as havia sentido, agora que aquelas cenas horríveis haviam entrado em minha mente, eu sabia que não me livraria delas.

Depois, elas poderiam ser colocadas em algum lugar obscuro e pouco visitado, mas jamais sumiriam completamente. Nunca desapareceriam.

Uma vez introduzidas, ficariam comigo para sempre.

Não existia lixão emocional para aquele tipo de coisa.

E, antes que eu me desse conta, estava de volta à cabana, apoiada em uma das hastes de bambu que sustentavam o teto, evitando o olhar dele enquanto procurava um modo de explicar. Parte de mim queria dizer algo petulante, irritante — o tipo de coisa que faria minha mãe me chamar de bocuda.

Quer dizer, como ele achava que eu senti o que havia visto? Como qualquer pessoa sã — viva ou morta — sentiria?

As palavras praticamente saltaram de minha língua, implorando para serem ouvidas, mas então, quando voltei a olhar para ele, quando meus olhos azuis fitaram seus olhos castanho-escuros, bem, aquelas palavras desapareceram e deram lugar a todo um conjunto de outras.

— No começo, fiquei impressionada com o fato de que você realmente foi um príncipe. Eu tinha certeza de que havia mentido. — Olhei rapidamente para ele, aliviada por ver que ele parecia muito mais entretido do que ofendido, o que considerei um sinal para prosseguir: — Eu me senti péssima quando você perdeu tudo, e ainda pior ao ver as surras que tinha levado. E quando a revolta começou, bem, eu estava realmente prestes a torcer, mas então... — Hesitei, vendo como ele me instigava franzindo a testa e acenando com a cabeça. — Mas, então, tudo começou a parecer um ciclo horrível de violência. Especialmente quando percebi que os escravos estavam se revoltando para que pudessem assumir o poder e trazer um grupo novo de escravos. E isso me pareceu completamente fora de propósito. Como uma batalha que ninguém poderia vencer realmente. Um ciclo infinito de maus-tratos, e isso me deixou muito triste.

Ele deu outro meio sorriso, lembrando-me de como no plano terreno o sol dava uma escapada de detrás das nuvens em um dia nublado apenas tempo suficiente para conceder uma breve sugestão de calor antes de voltar a desaparecer e deixar tudo cinzento.

E foi praticamente naquele momento que decidi meu segundo objetivo.

Depois de garantir que Bodhi e Buttercup estivessem livres da armadilha de Rebecca, eu estava determinada a ver o príncipe sorrir de verdade.

Observei-o se levantar rapidamente e dizer:

— Você tem razão. É de fato um ciclo vicioso. Durante meu reinado como príncipe, eu tinha meus próprios escravos, até que meu castelo foi invadido, e fui vendido como escravo e mandado para cá. E depois me revoltei contra meu senhor, com a esperança de tomar o controle da ilha e escravizar outras pessoas, da mesma forma como eu tinha sido escravizado. — Ele balançou a cabeça e ficou me olhando por algum tempo. — Vi ambos os lados dessa loucura, e agora, depois de compartilhar isso com você, e devido a seu profundo entendimento, você está pronta para viajar para dentro do mundo de Rebecca.

12

Esse método não vai dar certo. Você está fazendo errado.

Estávamos parados do lado de fora da bolha...

Não, corrigindo.

A verdade é que o príncipe Kanta estava parado do lado de fora da bolha enquanto eu estava espremida contra ela, golpeando e chutando o exterior liso e luminoso com toda a minha (inquestionavelmente insignificante) força.

Olhei por cima do ombro, nem sequer tentando esconder minha irritação.

— Ah, é? Então por que não vem aqui ajudar em vez de ficar aí parado me olhando fracassar? Por que não me mostra como se faz, já que sabe tanto?

Mas o príncipe não moveu um dedo sequer para ajudar. Apenas ficou exatamente onde estava. Sem se retrair ou recuar — nenhuma reação de qualquer modo ou forma a meu tom ou a minhas palavras. Na verdade, ele estava tão imóvel e sério que cheguei a me perguntar se havia me escutado. Mas eu tinha gritado tão alto que certamente seria impossível alguém não notar.

Eu havia acabado de me virar de novo para o globo e estava prestes a voltar a bater quando ele disse:

— Você nunca terá sucesso com resistência, Riley. Neste caso, assim como na maioria das vezes, a resistência só leva a mais resistência. Ou, em outras palavras, quando se resiste, a situação persiste. A aceitação é o único caminho.

Ai, *caramba*.

Revirei os olhos e sacudi a cabeça, tão irritada a ponto de nem me importar se ele visse.

Em minha opinião, aquilo era apenas um amontoado de psicologia barata, mais baboseiras, e não estava me levando a lugar nenhum. Por algum motivo, em vez de me ajudar de fato ele tinha resolvido me distrair, me irritar e, de maneira geral, me fazer perder tempo. E mais uma vez achei que havia chegado ao limite de minha paciência com ele.

Estreitei os olhos, encarando-o de um modo que não seria nenhuma surpresa se meu nariz e meus ouvidos começassem a soltar montes de fumaça. Com uma voz áspera, tensa, sem qualquer preocupação em demonstrar boas maneiras, pequenas gentilezas ou a mais ligeira simpatia, eu disse:

— Escute, talvez suas intenções sejam boas, talvez não. Só você sabe. Mas, de qualquer modo, acho que precisa saber que já estou cheia de ouvir essas charadas filosóficas malucas que duvido que você próprio entenda. — Afastei

minha franja do rosto e tentei arrumá-la atrás das orelhas, mas, como estava um pouquinho curta, ela caiu de volta sobre meus olhos, então decidi deixá-la ali. — Então, ou você me ajuda a invadir essa bolha para que eu possa libertar meus amigos, ou...

Nossos olhares se encontraram.

— Ou... *não*. — Dei de ombros, ciente de que, no quesito ameaças, a minha era bem patética, mas, ainda assim, naquele momento, era o melhor que eu podia fazer. — De qualquer modo, não tenho tempo a perder, então, se você não se importar...

Voltei para a bolha, erguendo o punho acima da cabeça, prestes a abaixá-lo e golpear a lateral com força, quando o príncipe o segurou no alto.

Seus dedos envolveram meu pulso enquanto ele fitava meus olhos. Então, lentamente, sem que eu cooperasse, ele desdobrou meus dedos um a um. Desdobrou-os e os estendeu enquanto baixava minha palma e a colocava gentilmente na bolha até estar colada à superfície. Seu rosto estava calmo, os olhos, afáveis, e ele fazia um som suave que curiosamente me cobria com uma onda tranquilizadora de calma.

— *Shhh*... — Ele olhou para mim. — Você deve permanecer quieta, em paz, imóvel. Deve aceitar a situação em que se encontra neste momento. Toda essa luta, toda essa resistência, só está piorando a situação. Rebecca nutre-se de raiva. É o combustível que alimenta seu mundo. E você, Srta. Riley Bloom, está apenas ajudando-a. — Ele fez uma pausa, longa o suficiente para que tivesse certeza de que eu estava ouvido, e acrescentou: — Seus amigos estão presos, não há como negar. Mas, em vez de lutar contra o que é, primeiro deve aprender a aceitá-lo. Só então você abrirá um caminho em sua mente que a levará à solução.

Olhei para ele, bem dentro daqueles olhos profundos e misteriosos, e comecei a dizer: *O quê?*

Comecei a dizer: *Está maluco? Por que eu deveria sequer pensar em aceitar uma coisa tão horrível quando tenho que fazer o que for preciso para impedi-la?*

Mas, antes que eu pudesse falar qualquer palavra, aconteceu algo muito estranho.

A superfície da bolha, a parte arredondada, refletora, que estava bem abaixo de meus dedos, começou a amolecer e ceder muito ligeiramente.

Fitei o príncipe Kanta com os olhos arregalados, o queixo caído praticamente até os joelhos, vendo-o confirmar com a cabeça, colocar os dedos rapidamente em seus lábios e então fazer um sinal para que eu colocasse a outra mão bem ao lado.

E foi o que fiz.

E a mesma coisa aconteceu novamente.

A superfície continuou a se adaptar e ceder enquanto ele dizia:

— Em vez de lutar contra a bolha, você deve aprender a aceitá-la. — Ele se colocou bem ao meu lado, pressionando a palma de suas mãos contra a

superfície, do mesmo modo que eu. — Conhece o experimento da maisena com água?

Olhei para ele e falei com a voz aguda e esganiçada:

— Goma!

Lembrei-me de quando, na colônia de férias, os monitores nos dividiram em pequenos grupos e entregaram a cada um uma tigela com um tanto de maisena e água que eles haviam misturado, e de como eu fiquei surpresa ao ver que, quando eles nos disseram para cerrar o punho e bater naquilo com toda nossa força, meu punho bateu e quicou. Era impossível penetrar aquilo, pelo menos usando força.

— Se tentar abrir caminho para dentro da mistura à força, batendo nela, não funciona. Ela... *resiste*. — Meus olhos se arregalaram ainda mais enquanto eu o encarava, entendendo de repente o que ele vinha tentando me dizer desde o começo. — Mas se pressionar devagar e com delicadeza...

— Seus dedos entram direto. — Ele confirmou com a cabeça, com uma expressão satisfeita por eu finalmente ter entendido, embora tenha se recusado a sorrir para mim. — Então você deve pensar na bolha como essa...

— Goma — confirmei.

— Deve *aceitar* que seus amigos estão lá dentro, aceitar que Rebecca está muito brava e fará de tudo para contrariar você, aceitar tudo isso como sua realidade atual, e, então, quando tiver aceitado o que é, estará livre para prosseguir sem necessidade de forçar nada. — Ele fez uma pausa, certificando-se de que eu havia entendido, e me alegra dizer que entendi mesmo. — Há muitos prisioneiros aí dentro, muitos outros que você não conhece, mas, mesmo assim, eles precisam de sua ajuda. Devo lhe dizer que sonhei que aqueles que brilham chegariam um dia, e, agora que você está aqui, estou muito satisfeito.

Ele continuou a falar, mas eu não estava mais escutando. Só conseguia prestar atenção na parte sobre aqueles que brilham.

Embora meu brilho talvez não fosse *grande coisa* — embora ele talvez tenha sido apenas um verde quase apagado (como Bodhi destacou tão prontamente) —, mesmo assim ele estava lá.

Radiante o suficiente para até mesmo o príncipe Kanta ter notado.

Radiante o suficiente para ele achar que eu poderia ser de alguma ajuda.

— Quando estivermos lá dentro, a fim de ajudá-los, de soltá-los, devemos descobrir as histórias que os mantêm aprisionados para libertá-los de seu próprio passado com nossa compaixão.

Olhei para ele, reconhecendo que, embora o príncipe fosse uma pessoa definitivamente estranha, de fato uma figura um pouco excêntrica, eu ainda estava feliz por sua presença, já que tinha bastante certeza de que, com brilho ou sem brilho, eu não estava realmente preparada para enfrentar aquele trabalho sozinha.

Observei-o se apertar contra a bolha, chegar tão perto que seu corpo inteiro, incluindo o nariz e o rosto, estavam colados nela. Então, com um leve gesto de dedos, ele fez sinal para que eu o seguisse.

Após eu me posicionar da mesma forma, fechamos os olhos e nos fundimos com a superfície, e pouco depois estávamos do lado de dentro.

13

Foi diferente de antes.

Da outra vez tinha sido mais pessoal.

Uma réplica exata de minha sala de aula do jardim de infância.

Um inferno feito exclusivamente para mim.

E embora o cenário tivesse sofrido algumas mudanças bastante drásticas, fiquei aliviada por vê-lo transformado em algo mais genérico, menos personalizado. Embora não fosse exatamente o inferno repleto de chamas, tridentes e chifres de diabo que seria de se esperar em um lugar assim, ali era escuro, lúgubre e infernal, do seu próprio modo.

Também era tão silencioso, desolado e calmo que tive uma estranha sensação de ter caído no meio de uma pintura de natureza-morta ou de paisagem. Só que, em vez dos riachos cintilantes e dos jardins ensolarados que normalmente se veem nas pinturas a óleo, essa cena era completamente seca e vazia. Criada a partir de uma paleta de tons variados de preto, cinza e escuros marrom-avermelhados — como uma floresta incapaz de superar os efeitos duradouros de um incêndio que a assolou muito tempo antes. Deixando nada além de carcaças de árvores queimadas, leitos de lagos secos e um dilúvio infinito de cinzas que subiam, rodopiavam, circulavam e se espalhavam, para depois voltar a cair.

— Onde estamos? — sussurrei.

Embora não visse Rebecca nem mais ninguém, por alguma razão eu tinha medo de que alguém me escutasse.

— Estamos dentro do mundo dela. — O príncipe Kanta se virou até ficar de frente para mim, com a boca tensa, o rosto sério, e disse: — O coração e a alma de Rebecca ficaram tão afetados pela raiva e pelo ódio que este é o resultado.

Olhei em volta, curiosa para ver o que mais poderia existir ali, até onde aquilo poderia ir, e se era de fato possível ver as paredes arredondadas, inclinadas e lisas que nos separavam de todo o restante. Mas, como eu não conseguia ver muita coisa além de toda aquela terra queimada, minha curiosidade não era tanta para que eu me aventurasse por conta própria. Eu estava relutando demais para sair do lado do príncipe e, embora não desse para saber quanto tudo poderia ficar ruim, tinha bastante certeza de que aquilo era apenas o começo do que a menina fantasma do mal tinha para mostrar.

Além do mais, eu não tinha tempo para passear. Precisava encontrar Bodhi e Buttercup o mais rápido possível, para que pudéssemos dar o fora dali.

— Ela sabe que estamos aqui? — perguntei, sentindo a resposta muito antes de vê-lo confirmando com a cabeça.

— Ah, sim. Este é o mundo dela. Ela está ciente de tudo o que ocorre aqui.

— E agora? — Olhei para o príncipe e mordi o lábio, esperando que ele tivesse uma ou duas ideias boas, já que eu não tinha nenhuma. — Onde os encontramos? Para onde vamos? O que fazemos?

E embora eu estivesse totalmente decidida a seguir sua orientação, o príncipe Kanta apenas olhou para mim e disse:

— A jornada é praticamente toda aqui. — Ele tocou a lateral de sua cabeça, no espaço entre a têmpora e a orelha, e acrescentou: — E menos aqui. — Ele abriu o braço em um arco diante de si, movimentando-o na direção de um trecho de terra queimada.

Ao ver aquilo, bem, devo confessar que precisei de toda a minha força de vontade para não resmungar e revirar os olhos, mas de alguma forma consegui me conter. Por mais gratidão que eu sentisse por tê-lo por perto, não havia dúvida de que ele era maluco. Mas ele havia passado por muita coisa, vivenciado o tipo de experiência que definitivamente acabaria testando a sanidade de qualquer um, então, com isso em mente, decidi fazer o possível para não julgar, o que, odeio admitir, foi um desafio para mim.

Por isso eu apenas pedi:

— Hum, poderia traduzir?

Observei-o se movimentar até ficar a poucos metros de mim, examinando a terra com uma das mãos apoiada firmemente na testa, protegendo os olhos do dilúvio de cinzas que continuava a cair. Então, abaixando a mão com a mesma rapidez, ele apanhou do chão um galho de árvore velho e queimado e usou a extremidade pontuda para traçar um pequeno círculo profundo em um leito de cinzas, dizendo:

— Este círculo representa você. — Ele olhou para mim, certificando-se de que eu estava entendendo, antes de desenhar um círculo muito maior em volta do outro. — E esta é a bolha.

Fiz um gesto positivo com a cabeça. Até então, tudo bem, consegui acompanhar. Então, depois de desenhar uma linha em zigue-zague que preencheu toda a área entre o círculo grande e o pequeno, ele acrescentou:

— E em algum lugar aqui estão seus amigos.

— Sim, Bodhi e Buttercup — eu disse, querendo seguir em frente, certa de que ele estava prestes a chegar na parte boa, na parte em que ele me diria exatamente onde encontrá-los.

— E, então, sabendo o que você sabe sobre esse Bodhi e... Buttercup. — O nome de meu cão adquiriu um som estrangeiro quase hilário na língua do príncipe. Ele bateu no chão com o galho e perguntou: — Onde você começaria a procurá-los? Qual seria o último lugar que eles gostariam de rever? Qual seria o lugar mais traumático, que representa a maior fonte de raiva para eles?

Minhas bochechas começaram a corar, e eu desviei rapidamente os olhos. Eu não tinha ideia de como responder, e não pude evitar um sentimento de profunda vergonha por causa disso.

Claro, a morte prematura de Bodhi por câncer de osso parecia a escolha óbvia, mas quando me lembrei da forma casual como ele me contou, o modo como deu de ombros e disse algo do tipo "Mas é assim que as coisas são às vezes, não é?", bem, não tive tanta certeza.

Quer dizer, será que aquilo era só pose?

Fingindo ser um cara durão apenas porque queria que eu o respeitasse e para causar uma boa impressão?

Será que ele tinha aceitado seu fim precoce tão bem?

Ou será que essa aceitação veio apenas depois do momento em que ele não podia mais mudar nada — quando já estava morto e não havia nada que pudesse fazer a esse respeito? Porque, quando se tratava de minha própria saída prematura, admito totalmente que muito embora eu estivesse descobrindo meu lugar e me virando do outro lado, ainda havia momentos em que eu não conseguia deixar de me sentir indignada porque nunca mais poderia ter a única coisa que realmente queria*: treze anos*.

O único objetivo real, de fato viável e aparentemente a meu alcance que eu tinha era ser uma adolescente genuína e incontestável — *e de uma hora para outra isso me foi roubado*.

Mas talvez isso fosse apenas comigo. Até onde eu sabia, Bodhi via essas coisas de um modo totalmente diferente.

Virei-me de novo para o príncipe Kanta, ergui os ombros e disse:

— Havia uma menina. Uma menina muito bonita, de cabelos escuros. Embora eu soubesse que era Rebecca disfarçada, Bodhi não conseguia enxergar isso. Para ele, era alguém que ele conhecia, e ele correu atrás dela como... — Fiz uma pausa longa o suficiente para repassar a cena em minha cabeça, lembrando a expressão em seu rosto, a nostalgia em sua voz, e então voltei a olhar para o príncipe e disse: — Ele correu atrás dela como se sentisse muita, muita saudade. Mas receio não saber nada além disso.

O príncipe estreitou os olhos e lançou um olhar para os lados, como se tivesse sido alertado por uma mudança repentina na área, enrijeceu as costas, endireitou os ombros e disse:

— Agora mantenha isso em mente. Não importa o que aconteça a partir de agora, não importa onde você estiver, continue concentrada em seu amigo. Não permita que ela a atinja. *Não* permita que ela introduza algo pessoal. Assim que você se concentrar em si mesma, assim que deixar sua mente se desviar de seus amigos, você perde. — Ele olhou para mim, cruzando seu olhar com o meu brevemente, e então o desviou. — Pode fazer isso? — perguntou.

E embora eu quisesse sorrir, confirmar com a cabeça e levantar os polegares dando uma resposta superconfiante do tipo Pode apostar que sim, posso fazer isso, sem problema — *sem problema algum!, a realidade é que fiquei ali parada e abri a boca*.

As palavras “Assim que deixar sua mente se desviar de seus amigos, você perde” corriam soltas em minha cabeça.

Porque a verdade é que era inegável o fato de que eu não era tão boa assim em me manter concentrada. Na realidade, eu tinha o péssimo hábito de pular de uma ideia para outra. E no que dizia respeito a meus pensamentos, bem, na maior parte do tempo minha mente não passava de uma bagunça danada.

Mas infelizmente não cheguei a expressar essas preocupações. Em vez disso, fiquei parada ali, de olhos arregalados, muda, enquanto o príncipe Kanta sussurrava:

— Ela está aqui.

E foi a última coisa que ouvi antes de ser separada do príncipe e sugada para as profundezas do mundo dela.

14

Uma hora eu estava diante do príncipe como a maior estúpida do mundo e, no instante seguinte, estava em um lugar completamente diferente. Notei como a paisagem queimada deu lugar a um tapete irregular de ervas daninhas e uma terra fértil avermelhada, enquanto o dilúvio constante de cinzas havia se transformado em um dia claro e ensolarado, oferecendo-me uma bela visão de um lago do mais puro azul.

Estreitei os olhos e observei à minha volta, vendo as águas calmas e escuras, os pinheiros altos, a fogueira em brasas... alguma lembrança me cutucando, me instigando, enquanto eu olhava para minhas roupas e conferia rapidamente os velhos jeans desbotados, um par de tênis cor-de-rosa e prata coberto de lama, uma blusa de moletom verde-limão, com as mangas esticadas até bem depois da ponta dos dedos para esconder o bracelete que eu havia tomado *emprestado* de minha irmã.

E, de repente, não precisava olhar mais nada.

Eu sabia exatamente onde estava.

Minha última viagem ao lago.

A última viagem que fiz com minha família.

O último lugar que visitei — pelo menos quando eu respirava, como habitante viva do plano terreno.

A última vez que abracei meus pais, joguei gravetos para meu cão ou brinquei com minha irmã como uma pessoa real, viva, de carne e osso.

A última vez que fui boba o bastante para acreditar que aquilo que eu mais queria — meu aniversário de treze anos — estava chegando.

Tudo na cena parecia tão real quanto naquele dia.

Só que não era real. Nem chegava perto.

E parte de mim sabia disso, mas era uma parte muito pequena.

Em algum lugar dentro de mim, bem no fundo, eu sabia que precisava voltar minha atenção para outro tema. Algo extremamente importante. Algo que necessitava de minha absoluta concentração.

Mas a verdade é que eu estava tão envolvida na cena que não me lembrava mais qual era esse tema tão importante.

Não conseguia imaginar algo mais importante que me concentrar no esplendor que se desenrolava diante de mim:

Buttercup correndo em círculos e latindo feito maluco antes de entrar no carro de meu pai e se acomodar sobre meu joelho.

Ever e eu discutindo e brigando, basicamente enlouquecendo nossos pais.

Ever descobrindo que havia esquecido seu adorado suéter azul-celeste das líderes de torcida de Pinecone Lake, implorando para que meu pai voltasse ao lago para que ela pudesse buscá-lo.

Meu pai concordando, apesar de estar preocupado com o trânsito.

Eu cantando a música de Kelly Clarkson que tocava a todo volume em meu iPod — em parte porque eu gostava, e em parte para irritar Ever.

Um cervo aparecendo do nada, pulando bem em nossa faixa, meu pai desviando para não atropelá-lo e batendo na mureta do acostamento, descendo o barranco e acertando uma árvore que matou todos nós.

Eu não percebendo que estava morta.

Sentindo-me tão bem, tão viva, que no meio da ponte que levava ao outro lado mudei de ideia e voltei para procurar minha irmã por aquele imenso campo perfumado.

E descobrindo que ela havia voltado ao plano terreno — a seu corpo, à vida.

Descobrindo a terrível verdade de que eu não poderia mais fazer aquilo.

Um fato que me deixou com tanta raiva que, de repente, me vi presa em um momento de fúria ardente que eu estava sendo forçada a reviver várias vezes.

Uma fúria tão profunda, queimando com tanta força, que fez o campo antes vibrante e enérgico voltar a seu estado original, uma terra queimada, consumida e completamente devastada.

O alerta do príncipe Kanta — *Assim que deixar sua mente se desviar de seus amigos, você perde* — foi reduzido a uma lembrança antiga e esquecida.

O príncipe Kanta não estava mais lá.

Ele não tinha participação nessa história.

Todo o meu mundo havia sido reduzido a um pequeno pedaço de terra que consistia de nada além de uma profunda e efervescente raiva e de mim.

15

Caí de joelhos, joguei-me em um grande monte de cinzas que na mesma hora enegreceram minhas roupas e chorei, xinguei e lamentei, do mesmo modo como tinha feito naquela época.

Mas aquilo não trouxe minha família de volta.

Aquilo não fez com que eu voltasse a ser como antes.

Ainda assim, eu não conseguia parar, não conseguia sair daquela cena.

Era incapaz de me concentrar em outro assunto além do ciclo infinito de raiva e fúria que ameaçava me consumir.

Se você me perguntasse quanto tempo aquilo durou, bem, a verdade é que não tenho a mínima ideia. Meu palpite seria algo entre a eternidade e alguns segundos. De qualquer modo, foi tempo demais para ficar do jeito como eu fiquei.

Mas, então, depois de algum tempo, do meio de toda a gritaria e o esperneio veio um tipo de intervalo. Uma ligeira trégua que durou no máximo uma fração de segundo. Uma ligeira trégua que continha o que só pode ser descrito como uma pequena porção de... silêncio.

Um espaço pequeno e brilhante onde a raiva não podia existir.

E embora tenha durado apenas um instante, daquele momento em diante parte de mim estava concentrada exclusivamente em esperar que ela acontecesse de novo.

E, quando aconteceu, pareceu durar um pouco mais.

E na vez seguinte... ainda mais.

Até que finalmente aquele pequeno e brilhante intervalo de silêncio se alongou e cresceu, expandindo-se o suficiente para que eu pudesse me enfiar dentro dele.

Minha fúria se aplacou e logo em seguida a raiva desapareceu, à medida que tudo a meu redor e dentro de mim começou a se acalmar, permitindo que eu visse minha situação com tanta clareza que não havia como negar o fato de que eu não era nada diferente de qualquer outra pessoa que ficasse presa nesse lugar.

Éramos tão bravos e rancorosos quanto Rebecca queria que fôssemos.

Eu estava tão ligada a todas aquelas almas perdidas e solitárias quanto elas a mim.

Durante aquela breve fração de segundo pude ver a verdade de tudo — e isso foi o bastante para me libertar.

Foi o bastante para eu saber que não estava sozinha, que nunca tinha estado. Nada havia a temer, nenhum motivo para sentir raiva, e, embora fosse verdade que eu nunca tivesse esperado que minha vida fosse como fora, era inegável que, em muitos aspectos, ela fora muito melhor do que eu poderia ter imaginado.

Levantei-me, olhando, abismada, o campo queimado ceder, revelando a bolha em seu estado real, verdadeiro — tão diferente da visão que Rebecca queria que eu tivesse.

Não havia mais chuva de cinzas nem árvores queimadas que se transformavam em salas de aula de jardim da infância. Nem havia campos imensos e solitários, nem viagens de família com fim abrupto. Não havia nada além de um mar escuro e turvo de almas miseráveis e torturadas, cada uma presa em seu próprio tormento infernal.

Andei entre elas, imaginando o que havia acontecido com o príncipe e procurando Bodhi e Buttercup — ansiosa para tentar libertá-los, do mesmo modo como eu tinha me libertado. Passei por uma multidão de ciclos intermináveis de dor, angústia e séculos de sofrimento, enquanto lutava para continuar concentrada no que eu havia acabado de aprender, no que eu mais precisava lembrar, e reprimia o sentimento de pânico que tentava evocar meus próprios impulsos sombrios.

Então, de repente, parei. Parei bem no meio daquela massa de caos e dor, pensando que, se de fato estávamos todos ligados, então eu não deveria ter que andar muito, ou até mesmo nem andar. Deveria ser capaz de ficar bem onde eu estava, calma e quieta o suficiente para sintonizar essa bolha de almas perdidas e, como o príncipe dissera, deixar que suas histórias viessem até mim.

Então fechei bem os olhos e tentei explorar a névoa de energia frenética para localizar meu cão e meu guia.

E, embora me alegre dizer que não demorei muito para encontrar Bodhi, conseguir chegar até ele era outra história.

16

Hesitei, sem saber muito bem o que fazer. Fiquei observando Bodhi com muita atenção, vendo-o continuar alheio à minha presença.

Sua testa estava contraída, seus punhos, cerrados com firmeza ao lado do corpo, seus lábios tremiam e ele rangia os dentes com tanta força que era impossível compreender a longa sequência de palavras que ele estava falando.

Mesmo sabendo que ele provavelmente não iria gostar, mesmo sabendo que, assim que ele se livrasse do tormento que se passava em sua cabeça, ele encontraria alguma desculpa esfarrapada para me acusar de ter invadido sua privacidade (ou qualquer outra infração, real ou imaginária), eu entrei.

Abri caminho lentamente em sua direção até chegar bem perto para agarrar sua mão fechada, deixando minha energia fluir e se juntar à dele, até eu conseguir facilitar minha entrada em sua cabeça.

A princípio era impossível entender muita coisa. Era tudo bagunçado, caótico e extremamente confuso — como um quarto superdesorganizado, com grandes pilhas de papéis e roupas e livros e tralhas espalhadas por todo o chão —, e eu levei algum tempo para me situar e organizar tudo.

Diferentemente de meus pensamentos (e de meu quarto!), que sempre foram mais ou menos ordenados e claros, os dele não chegavam nem perto disso. Então fui mais fundo e cheguei tão longe que era como se eu tivesse me transformado nele.

Permaneci ali parada, sentindo-me alta e desengonçada enquanto tentava me acostumar a estar dentro de seu corpo, vendo tudo acontecer diante de mim como se na verdade estivesse acontecendo comigo. Mas tudo parecia tão aleatório e confuso que só consegui distinguir de fato uma escola.

Pela aparência dos armários e das placas pintadas à mão dispostas no corredor onde eu estava — todas anunciando jogos de futebol, feiras de caridade e bailes —, imaginei que aquilo era uma escola de ensino médio.

Então, assim que finalmente descobri isso, comecei a me mexer. Corri com um par de pernas muito mais fortes do que aquelas finas e curtas com as quais eu estava acostumada, tentando alcançar uma menina cujos cabelos longos e escuros balançavam de tal modo que me convenci de que eram um convite para segui-la.

Ela virou em outro corredor e entrou numa biblioteca, e eu entrei atrás dela. Escondi-me atrás das altas estantes de livros e fiquei observando. Eu torcia para que ela me notasse, mas, ao mesmo tempo, esperava que não — eu teria dado praticamente qualquer coisa para ver o que ela escrevia com tanta intensidade no caderno.

Observei-a a distância, vendo seus cabelos lhe cobrindo os ombros, sua mochila apoiada na perna da cadeira, suas botas sujas de uma fina camada de lama, sua caneta esferográfica roxa voando pela folha de papel pautado, e em minha mente circulavam palavras, declarações, coisas que eu queria dizer a ela mas sabia que nunca faria.

Com muito medo de me aproximar, decidi apenas observá-la. Minha cabeça girava com uma série de visões confusas, uma longa sequência de imagens e frases, tentando me orientar pelos pedaços aleatórios da memória de Bodhi, o álbum caótico de seu cérebro.

Eu sabia que a menina era Nicole — a mesma garota cuja imagem o atraiu para a bolha —, mas não sabia por que ele estava com tanta raiva. Quer dizer, para ficar preso no mundo de Rebecca é preciso estar muito irritado com algo. E, pelo menos até aquele momento, eu não tinha visto nada capaz de despertar esse tipo de raiva.

Quer dizer, seria devido ao modo como ela o ignorava?

O modo como ela fingia não percebê-lo, apesar de ele fazer questão de sempre estar onde ela estivesse?

E, se fosse, será que valia a pena sofrer por isso?

É óbvio que não posso falar por Bodhi, mas, para mim, aquilo parecia um pouco ridículo. E como eu não sou a pessoa mais paciente do mundo (nem perto disso), bem, a verdade é que comecei a ficar um pouco frustrada com ele.

Tão frustrada que decidi sair de seu corpo e tentar encontrar outro modo de alcançá-lo, mas então todo o mundo dele ficou escuro e turvo, e eu tive que forçar os olhos e os ouvidos para entender alguma coisa.

E, mesmo assim, só consegui perceber quatro coisas:

1. Um sino
2. Uma menina
3. Um menino
4. Um corpo

Aquelas quatro imagens se repetiam como uma série de fotografias presas em um loop acelerado. No entanto, por mais que eu assistisse àquilo, nenhuma delas fazia sentido. Um sino... uma menina... um menino... um corpo...

Uma visão rápida de cada imagem apareceu repetidas vezes.

E quando eu já não podia mais aguentar nem um segundo, não podia suportar sequer mais um vislumbre, as imagens ficaram mais claras, mais definidas, até que finalmente organizaram-se em um tipo de ordem, mas isso não ajudou muito.

Ouvi o sino tocar tão alto que não contive uma careta por causa do som.

Vi a porta de uma sala de aula abrir e uma garota, que reconheci como Nicole, sair. Ela estava curvada, com a cabeça baixa, de modo que os longos cabelos escuros ocultavam o rosto molhado de lágrimas — resultado de uma longa sequência de insultos lançados contra ela.

E, embora eu não tenha ficado nada surpresa quando me vi de relance na janela de uma sala e percebi que eu — hum, quer dizer, Bodhi — era o menino (afinal, eu estava vivenciando a memória dele), aquela era uma versão de Bodhi com a qual eu não estava acostumada.

Sua aparência externa continuava mais ou menos igual (talvez um pouco mais sólida, um pouco menos translúcida do que o normal), mas ainda era muito estranho vê-lo como uma pessoa viva que não podia voar nem brilhar e que não tinha a mínima ideia de que um dia seria capaz de fazer essas coisas.

Sem contar o fato de ser tão inseguro e preocupado demais em parecer legal... que era meio difícil observá-lo (e ainda mais difícil sê-lo) sem sentir um bocado de vergonha por ele.

Mas logo a atenção voltou para Nicole.

Ainda chorando.

Ainda sendo perseguida.

Ainda sofrendo *bullying* de um grupo de colegas que a seguia aonde quer que ela fosse.

Provocando-a de um modo que não se tratava de mero padrão de comportamento, mas de um passatempo preferido.

Eu estava à parte, falando mais alto que todos, defendendo-a energicamente. Gritei para que eles parassem, deixassem-na em paz, encontrassem uma maneira melhor e mais produtiva de usar o tempo livre. Uma maneira melhor de elevar a própria autoestima.

E então o sino soou novamente...

A sequência de cenas continuou a se repetir e, por mais que eu a visse, ainda não fazia o mínimo sentido para mim.

E então me lembrei.

Havia mais.

Uma quarta cena, em que vislumbrei apenas uma alusão confusa a...

Um corpo.

E de repente fui jogada da escola para uma casa bonita e modesta onde um grupo de policiais, paramédicos e pessoas nervosas, chorando, entravam e saíam.

Todo mundo circulava em volta de uma maca — como as que se veem em filmes. Uma maca com uma figura pequena, magra, coberta com um lençol, completamente inerte...

Sem que ninguém me dissesse, eu soube que o corpo era de Nicole e que Bodhi se culpava por isso.

Saí da casa com esforço. Estar dentro de sua mente consumida pela culpa e em sua pele cheia de ódio por si mesmo me incomodava tanto que eu queria

desesperadamente olhar em seus olhos e confrontá-lo pessoalmente. Puxando seu braço com força, eu disse:

— Mas você *tentou*. Você tentou impedir. Eu vi, eu ouvi, eu fui você!

Eu estava praticamente gritando, desesperada para libertá-lo, de modo que eu também ficasse livre de tudo aquilo.

Mas Bodhi não aceitava. Ele apenas balançou a cabeça, com os olhos queimando de raiva, e disse com a voz repleta de amargura:

— Ah, é? E o que exatamente você ouviu, Riley? O que realmente disse quando era eu?

Estreitei os olhos, sem ideia de aonde ele queria chegar. Quer dizer, não tínhamos vivenciado a mesma coisa?

Acompanhei com o olhar o dedo que ele apontava para o lugar onde tudo estava acontecendo de novo.

Um sino, um menino, uma menina...

Finalmente percebi a verdade:

O verdadeiro motivo de ninguém ter reagido quando Bodhi e eu gritamos aquelas palavras... o verdadeiro motivo de termos sido ignorados com tanta facilidade.

Não as havíamos pronunciado de fato.

Não havíamos dito nada.

As palavras nunca saíram da boca de Bodhi, nem mesmo passaram de seu coração.

Eu não sabia o que dizer. Não sabia como sequer tentar consolá-lo.

Minha única certeza era de que a raiva e a culpa formavam uma mistura muito forte, capaz de aprisionar uma pessoa para sempre.

— Eu ia dizer algo naquele dia, tinha tudo planejado, mas então, no último momento, eu me acovardei e deixei para a segunda-feira seguinte. — Sua voz era solene, e ele continuava a olhar para a frente. — Imaginei que no fim de semana ia criar coragem a fim de tentar convencê-la de que ela era especial, inteligente, bonita e legal, e que nada que as outras crianças diziam era verdade. Quer dizer, não me entenda mal, sei que ela não gostava de mim. Pelo menos não do jeito que eu gostava dela. Eu era apenas um calouro idiota e nanico, e ela era a menina nova, mais velha e exótica. — Ele passou a mão no rosto, nos olhos, e eu logo desviei o olhar, fingindo não notar. Esperei pacientemente a seu lado, sentindo que ele poderia precisar de alguns instantes antes de estar pronto para prosseguir. — Eu só queria que ela soubesse que eu estava do seu lado. Mas, no final, nunca consegui dizer nada disso, porque a segunda-feira nunca chegou. Pelo menos não para ela.

Fiquei ali junto dele, vendo a família envolta em um pesar tão grande e vívido que aquilo tudo ameaçava me consumir também.

— Acho que ela não aguentava mais, sentia que não tinha para onde correr. E então... — Ele se virou para mim com os olhos cheios de tristeza enquanto as palavras reverberavam entre nós. — Eu fui ao funeral. — Deixou cair os ombros.

— E costumava deixar uma flor na caixa de correio dela todos os dias no caminho da escola para casa, pelo menos até eles se mudarem.

— E as outras crianças? As que a intimidavam? — perguntei, sentindo-me tão mal quanto Bodhi.

Ele olhou para mim, balançando a cabeça como se estivesse cansado do mundo.

— As coisas eram diferentes naquela época. Um tapa na palma da mão, uma palestra educacional no auditório da escola e um monte de baboseira sobre como as crianças sempre serão crianças.

— E é por isso que você está preso? — Enruguei o nariz e olhei para ele. — Porque você acha que foi responsável?

— Eu participei com meu silêncio. — Ele deu de ombros. — Eu fui responsável. Não fiz nada para impedir.

Para ser sincera, eu não tinha ideia do que fazer àquela altura, não tinha ideia do que dizer. Então fiz a única coisa em que consegui pensar: apertei sua mão com força e imaginei uma pequena bolha dourada de amor e perdão reluzindo ao redor dele, lembrando-me de que aquilo havia funcionado antes e torcendo para que funcionasse de novo.

E quando ele olhou para mim, bem, foi quando vi. Vi o ódio e a raiva sendo derrotados pelo pequeno vislumbre de silêncio presente em seu olhar.

— Apegue-se a isso — incitei-o. — Apegue-se ao silêncio pelo máximo de tempo que você puder. Não há lugar para as coisas ruins dentro dele.

E quando vi, ele estava de volta. Respondendo ao pensamento em minha cabeça sobre se ele algum dia a veria de novo, ele disse:

— Aqui&Agora é um lugar grande, Riley. — Ele desviou os olhos, passando a mão pelos cabelos, e então tirou aquele canudo verde mastigado do bolso da camisa e o colocou na boca. — Uma vez eu achei que a tinha visto ao longe, mas foi apenas isso.

Estreitei os olhos, querendo saber mais. Eu não conseguia acreditar que ele teria deixado por isso mesmo.

— Eu não me aproximei dela, se é isso o que você quer saber. E realmente não acho que deveria ter que me explicar.

— Mas por que não? — Olhei para ele, surpresa por ainda encontrar um ligeiríssimo traço do garoto inseguro que ele havia sido, pelo menos no que se referia a Nicole. — Por que não falar com ela? Ela provavelmente ficaria feliz em vê-lo... nem que fosse por ser um rosto conhecido.

— Acredite, não há nada de conhecido em mim. Ela nem sabia que eu existia. — Ele mordeu o canudo com força, claramente frustrado comigo. — É coisa de garotos do ensino médio, Riley. Coisa que você não entenderia.

Revirei os olhos e me virei, mas não sem deixá-lo ver como ele havia me deixado irritada. É sério, aquele tinha sido um golpe baixo. Quer dizer, não foi culpa minha eu nunca ter feito treze anos; na verdade, não é...

Fiquei olhando para o chão de cara feia, sentindo a raiva crescer, queimar, ameaçando me consumir completamente, e foi quando notei um pedaço de terra

queimada começando a se espalhar sob meus pés. E então interrompi de imediato aqueles pensamentos, observando admirada enquanto a terra calcinada desaparecia.

Atenção, vigilância, concentração — como o príncipe tinha falado. Eu precisava me proteger de meu temperamento, de minha raiva, e Bodhi devia fazer o mesmo. Aquele lugar despertava tudo isso, alimentava-se disso, e não fazia diferença se tudo fosse justificado ou não. No que dizia respeito a Rebecca, era tudo combustível.

— Consegue ver? — perguntei, sem saber ao certo em que mundo ele estava: no das escolas antigas e terra queimada ou no que eu via: o das almas perdidas e atormentadas.

Ele fez que sim com a cabeça, olhando em volta, vendo que havia centenas delas, e depois suspirou e disse:

— Precisamos encontrar Buttercup e dar o fora daqui.

Mas logo neguei com a cabeça. Embora eu talvez não entendesse o trágico mundo do romance no ensino médio, graças ao príncipe Kanta eu entendia aquele terrível mundo do ódio.

— Não. — Olhei para Bodhi. — Primeiro precisamos encontrar Buttercup, depois precisamos achar meu amigo, o príncipe, e, então, dar um jeito de libertar todo mundo. — Fiz um gesto para o mar de almas atormentadas, e Bodhi, parado a meu lado, fez uma careta. — E só depois disso tudo podemos pensar em deixar este lugar — acrescentei.

17

Como eu o conhecia desde quando ele era um filhotinho, devo dizerque achava muito difícil acreditar que Buttercup pudesse ter raiva de qualquer coisa.

Mesmo comparado aos outros animais de estimação bem-cuidados de nossa quadra, não havia dúvida de que ele tinha vivido com mais conforto e paparicação do que todos os outros. Não faltavam petiscos caninos, passeios de carro com as janelas abertas e locais para uma soneca ao sol. E mesmo quando fazíamos travessuras com ele — como nas vezes em que Ever e eu o vestimos de Papai Noel, coelhinho da Páscoa e até cupido, ou quando passamos um bocado de pasta de amendoim na ponta de seu focinho e rimos loucamente vendo-o latir e correr em círculos tentando lamber a pasta —, bem, dava para ver que ele estava brincando.

Dava para ver que ele estava se divertindo.

Então eu não entendi por que o encontramos todo enrolado como uma bolinha de angústia, com os olhos bem fechados, rangendo os dentes, chutando e batendo com as patas enquanto gania e choramingava como se estivesse sendo submetido às piores torturas.

Buttercup nunca havia sido torturado. Nunca tivera motivos para agir assim. E, para ser sincera, fiquei um pouco irritada ao vê-lo daquele jeito.

Mas quando vi que as árvores começaram a surgir novamente, com todo aquele aspecto queimado e enrugado, afastei o sentimento e me ajoelhei.

Eu estava olhando para meu cão, sem saber o que fazer, quando Bodhi perguntou:

— Qual o problema dele?

Ele olhava para Buttercup e para mim com uma expressão confusa que combinava perfeitamente com a minha.

Dei de ombros e suspirei. Por mais que tentasse, eu não conseguia me lembrar de nenhum momento traumático na vida de Buttercup, nem mesmo sua morte.

Ele simplesmente havia feito a transição, de um estado em que respirava para outro, em que não respirava, como se não tivesse nada de diferente. Havia ido direto para a ponte sem hesitação, abanando o rabo, correndo como se alguma aventura maravilhosa estivesse à nossa espera.

Pousei a mão em sua cabeça, passando os dedos pelo tufo de pelos macio na parte inferior de seu queixo antes de afagá-lo entre as orelhas. Imaginei que se eu estava ligada a todas aquelas outras almas, ligada à energia do próprio chão no qual estava ajoelhada, por que não estaria ligada a Buttercup também?

Concentrei-me em fundir minha energia à dele, permitindo que ela fluísse e se misturasse até que eu estivesse dentro de sua mente canina, onde fiquei impressionada com a versão pessoal do inferno de meu cão:

O momento em que ele foi separado de sua mãe e de seus cinco irmãozinhos para ir viver conosco.

Admito que, assim que vi aquilo, comecei a ficar irritada de novo, mas, sabendo que aquilo teria consequências, logo superei a raiva. Ainda assim, como eu devia entender aquilo? Quer dizer... era sério? Ele realmente tinha visto a mudança para nossa casa como uma experiência horrível?

Mas então eu *lembrei*.

Lembrei como ele de fato tinha passado aquela primeira noite — ou melhor, como todos nós tínhamos passado aquela primeira noite. Tinha sido necessário nos revezar para sair da cama e tentar confortá-lo enquanto ele chorava, gania e se recusava a relaxar.

Fora terrível!

Para nós e para ele, mas, provavelmente, sobretudo para ele.

Ele não tinha como saber que o que sentia naquele momento não duraria para sempre.

Não tinha como saber como tudo ia ficar bem.

Mas eu não tinha ideia de como lhe mostrar isso, não imaginava nem por onde começar.

Graças a Rebecca e aquela bolha horrível que ela criara, Buttercup estava preso no único momento realmente ruim que ele havia conhecido, e, em sua cabeça, sua vida nunca tinha sido diferente.

Então fiz a única coisa em que consegui pensar: encolhi-me a seu lado e continuei a afagá-lo entre as orelhas.

Tentei encher minha mente de lembranças vibrantes e felizes de toda a diversão que havíamos vivido, esperando que elas, de alguma forma, chegassem a seu cérebro e talvez até abrissem um pequeno espaço para que aquele doce e calmo silêncio entrasse.

E não demorou muito para que os lamentos diminuíssem, os ganidos cessassem e Buttercup erguesse a cabeça, abrisse os olhos e se levantasse. Bodhi deu um grande suspiro de alívio, e eu abracei meu cachorro e o apertei com força. Envolvendo seu focinho com as duas mãos, fitei atentamente seus grandes olhos castanhos para ter certeza de que ele estava mesmo de volta. Então olhei para Bodhi e disse:

— Precisamos encontrar o príncipe.

Mas Bodhi já estava sacudindo a cabeça.

Já estava levantando o braço e apontando para o lugar onde estava Rebecca.

18

Seu cão estava bem a seu lado e não se parecia nada com o Cão Espectral/Cachorro Negro/Fera Infernal de que eu me lembrava.

O cão era minúsculo.

E nervoso.

Do tipo que tem latido estridente e patinhas agitadas.

Embora eu tivesse feito de tudo para compartilhar com Bodhi, enquanto estávamos ainda procurando Buttercup, tudo que eu havia descoberto sobre Rebecca, embora eu tivesse tentado deixar claro que ela era sinistra e malvada, só de olhar para o rosto dele percebi que Bodhi não sabia ao certo se devia acreditar em mim.

Ele estava em dúvida.

Apesar de tudo que eu dissera, ele estava tão iludido pela aparência doce e embonecada de Rebecca que tinha sérias dúvidas de que alguém com um aspecto tão inofensivo e fofa fosse capaz de criar uma bolha infernal.

Meninos.

São todos iguais.

Todos são facilmente influenciados por uma pose bela e açucarada.

Fiquei tensa ao vê-la se aproximar, percebendo o modo como ela fazia o solo sob seus pés se transformar, virando um tapete macio e viçoso de grama verde e botões amarelos de flores que combinavam perfeitamente com o laço de seu vestido. Com um sorriso firme, porém radiante, e ocultando em seus olhos um mundo inteiro de segredos que eu nem conseguia imaginar nem começar a adivinhar, ela estendeu a mão e ofereceu um copo alto e suado, cheio de um líquido turvo e gelado.

— Sede? — ela perguntou, com uma voz tão aguda e doce que só de ouvir eu fiquei com a sensação de que tinha sofrido uma overdose de doces no Halloween.

Segurei Buttercup, determinada a mantê-lo a meu lado; não queria que ele chegasse perto daquele cãozinho nanico dela, que poderia se transformar facilmente em uma terrível Fera Infernal.

Olhei para Bodhi e reparei na maneira como ele olhava para ela, observando-a atentamente, como se tentasse encontrar algum meio-termo entre o que eu lhe dissera e o que seus olhos lhe diziam. Ele estreitou os olhos, e o canudo em sua boca parou de balançar e ficou completamente imóvel.

— Por que você não descansa um pouco e toma um gole? Depois de tudo pelo que passou, você merece.

Ela empurrou o copo na direção dele e olhou profundamente em seus olhos, mas Bodhi continuou parado, examinando-a. Seus olhos estavam comprimidos de tal modo que eu não conseguia decifrá-los, não era capaz de adivinhar o que ele estava pensando.

— Você não devia ser tão severo consigo mesmo, sabia? Acredite em mim, não o culpo mais por ter sido tão covarde e preocupado com sua própria imagem frágil a ponto de não fazer nada para me salvar.

Estreitei bem os olhos até que fossem apenas fendas, e, embora eu não conseguisse enxergar exatamente o mesmo que ele, via o suficiente para saber que algo tinha mudado.

Era o modo como o ar se movia e se iluminava ao redor dela, fazendo-a parecer indistinta e obscura a meus olhos. E naquele instante eu soube que, pelo menos para Bodhi, ela de novo se parecia com Nicole.

Tentei pegar a mão dele, com medo de perdê-lo para aquele tipo de angústia, mas ele saiu de meu alcance, indo em direção a ela. Seus dedos estavam esticados, o olhar firme, pegando a bebida que eu não podia permitir que ele tomasse.

Enfiei a mão entre eles, determinada a manter Bodhi afastado. O movimento brusco alertou o cachorro dela, que abaixou a cabeça, ergueu as costas e me dirigiu um rosnado grave e ameaçador.

Mas antes que eu pudesse intervir Bodhi já havia pegado o copo.

Já o envolvia com os dedos quando olhou para Rebecca e disse:

— Está perdendo seu tempo. — Ele bateu na bebida com tanta força que o copo voou das mãos dela e se chocou contra as árvores. — Seu encanto não funciona mais comigo. *Você não é* Nicole. Na verdade, não é nem parecida. E só para que saiba, eu já superei isso. Já me perdoei. O que significa que você não tem mais como me prender aqui, agora que não estou mais com raiva.

Ela fez de tudo para dissimular, reconheço. No entanto, ainda assim, ficou claro, pelo modo como ela inclinou a cabeça, ergueu o queixo e piscou os olhos ao olhar para ele, que não esperava aquilo.

— Como quiser. — Rebecca elevou os ombros pequenos e delgados, fazendo a luminosidade desaparecer até ela voltar à sua forma cheia de adereços. Virou-se para me encarar e acrescentou: — E você, Riley? Gostaria de um gole? — Erguendo as sobrancelhas, com um olhar sinistro e profundo, ela materializou um novo copo de chá. — Prometo que não tem nada a ver com aquele chá da memória falso que o príncipe lhe serviu. — Revirou os olhos e sacudiu a cabeça delicada. — Você percebeu que ele é louco, não? Quer dizer, você não acredita realmente que ele seja um príncipe, acredita?

Ela sorriu e arqueou as sobrancelhas com um ar superior e esnobe, e então acrescentou:

— Ele era um dos trabalhadores de meu pai... e devo dizer que nem era dos melhores. E também era um assassino. — Ela fez uma pausa dramática, dando

tempo para as palavras surtirem efeito. — Mas nunca foi um príncipe, isso eu posso garantir. Sabe que ele é o responsável pelo que aconteceu comigo, não é? Ele é membro do grupo de rebeldes que planejou a revolta. *É verdade!* — enfatizou, interpretando minha expressão e presumindo, com razão, que eu não acreditava em uma palavra. — E você é uma idiota por acreditar nele e por sentir pena. Sem contar que também é hipócrita.

Franzi a testa, curiosa para ver aonde ela estava querendo chegar, e ela estava mais que disposta a me dizer.

— Assassinos sempre são mandados para a prisão, então, o que esse caso tem de diferente?

— Ele é *diferente*. — Bodhi veio em minha defesa, embora eu não precisasse disso. — Não é nem um pouco a mesma coisa. Você não tem o direito de interferir na jornada de alma alguma. Não tem direito nenhum! E lá no fundo sinto que você sabe disso, ou não estaria nem um pouco tão defensiva quanto agora.

Ela ficou tensa, e seus olhos praticamente brilhavam como os de sua Fera Infernal.

— Vocês acham que sabem muita coisa. Acham que podem chegar em meu território e me intimidar só porque têm um brilho estranho ao redor do corpo?

Ela apertou tanto o copo que eu achei que estouraria em sua mão. Encarou-nos de um modo que deixou claro o tamanho de sua indignação, como se toda a feiura que havia dentro de si estivesse vindo à tona. Seus cabelos se ergueram, ficando muito bagunçados e arrepiados, e seu ódio brilhava tanto que tive que me esforçar muito para não desviar o olhar.

E não pude deixar de pensar se ela de fato acreditava no que havia falado sobre o príncipe e suas razões para mantê-lo junto com todos os outros escravos aprisionados, ou se aquilo era apenas uma história que ela contava a si mesma como uma desculpa pelo que fazia.

Havia apenas um jeito de descobrir.

— Vocês não sabem de nada! — ela gritou, enquanto todo o seu rosto se transformava. — Não sabem de nada. De nada!

Ela continuou agindo daquele jeito, enfurecendo-se e gritando sem parecer que iria parar. Sentindo-me um tanto quanto cheia das ameaças e do drama, e ansiosa para chegar à raiz da questão, olhei para ela e disse:

— Está bem. Então verei com meus próprios olhos. Dê-me logo isso.

Eu estava totalmente convencida de que ela não passava de uma fedelha cruel e mimada, mas também sabia que toda história tem dois lados e que, para entender o dela, teria que ver a partir de sua perspectiva.

Ela parou e arregalou os olhos, claramente imaginando se aquilo era algum truque.

Mas não era truque algum.

Eu estava falando muito a sério. E embora Bodhi logo tenha pegado meu braço para me alertar, bem, era tarde demais. Eu já estava pegando o copo.

Já estava tirando um brilhante de seu vestido e jogando no líquido. Já estava levando a mistura aos lábios.

Já estava me comprometendo com a viagem, sem me importar com o tipo de cena em que me meteria.

A voz de Bodhi era o mero traço de um eco que me implorava para parar, me implorava para não ir adiante.

Mas não fez diferença. Eu já havia entrado no mundo dela.

19

Não era nada do que eu pensava.

Quer dizer, não que eu pudesse de fato explicar o que exatamente eu esperava, já que tudo aconteceu tão repentinamente que não tive muito tempo para pensar sobre isso.

Mas, ainda assim, se eu não tivesse engolido aquele chá tão depressa, se tivesse parado para fazer algumas ponderações, não acho que teria imaginado qualquer coisa sequer parecida com a cena em que fui parar. Eu era um bebê.

Não, corrigindo. Porque, na verdade, Rebecca era o bebê, e eu só estava pegando uma carona, observando os acontecimentos a partir de seu ponto de vista, imersa em uma circunstância tão nítida, tão detalhada, tão real, que era como se eu fosse ela.

Eu podia *ver* a luz da manhã entrar pelas pregas nas bordas das cortinas enquanto os braços macios de sua mãe me envolviam e seguravam delicadamente, e ela me olhava com uma expressão profunda e amorosa.

Eu podia *sentir* a intensidade da dor de Rebecca, toda a extensão de sua confusão na primeira manhã em que sua mãe não apareceu, e em todas as manhãs posteriores, até o momento em que ninguém se surpreendeu quando a primeira palavra que ela disse foi "Mamãe!", logo seguida por "Morta" e, depois, "Enterrada". As duas palavras mais usadas para explicar a ausência da primeira.

Cresci junto com ela, passando de um bebê que engatinhava a uma criança que andava, sentindo o corpo se alongar e crescer enquanto as gordurinhas infantis desapareciam, ficando esguia por um tempo até começar a desabrochar e virar uma bela garota que, aos treze anos, tinha um guarda-roupa cheio de vestidos brilhantes e gavetas repletas de fitas e laços coloridos. Ela ansiava pela atenção do pai, queria que ele gostasse do modo como a menina se vestia. Mas ele não tinha tempo nem interesse. Via Rebecca como uma inconveniência que era melhor que ficasse aos cuidados dos criados.

E assim eles cuidavam dela.

Sentiam tanto medo do legado de raiva do pai dela que atendiam a todos os caprichos de Rebecca na esperança de que a menina nunca falasse mal deles. Davam-lhe doces, prendas e presentes de todo tipo: uma variedade de delicadezas que ela mal desejava; uma variedade de delicadezas que sempre lhes foram negadas.

Era a receita para a criação de um monstro.

E não havia fim à vista.

Se havia ressentimento nos olhos dos criados, Rebecca nunca percebeu. Ela mal os notava de verdade. Para ela, o único propósito deles era cumprir suas ordens. Ela tinha certeza de que era essa a única razão da existência daquelas pessoas. Sua vida permissiva a havia transformado no tipo de fedelha que eu só tinha visto em programas de tevê, mas nunca na vida real.

Ela era uma fedelha em proporções gigantescas.

Uma menina mimada, sem noção e sem amigos, tão entrincheirada em seu mundo de fantasia, onde tudo girava exclusivamente em torno dela, que não tinha ideia da pessoa terrível em que havia se transformado.

Não tinha ideia de que as pessoas que a serviam não tinham pedido para ser empregadas de seu pai.

Não tinha ideia do jogo sádico de "boliche" que o pai jogava com aqueles que haviam sido considerados indignos de um trabalho que eles nunca quiseram.

No entanto, não pude evitar lamentar por ela.

Não pude evitar sentir pena.

Embora eu não pudesse negar que ela era tão bestial quanto aquele cachorro, também não havia como negar que ela simplesmente não entendia.

Como diria o príncipe: ela estava resistindo à verdade.

E, quando vi, ela estava em movimento.

Correndo tanto que eu conseguia até mesmo ouvir sua respiração ofegante, pude sentir o momento de desorientação quando ela perdeu o equilíbrio e se esparramou na terra.

O impacto de seu corpo foi tão forte que fui empurrada ainda mais para dentro dela.

Caí tão profundamente que me transformei nela. Levantei o rosto do chão, expelindo a terra que havia inalado e tirando um monte de pedrinhas da boca.

Cuspi e tossi enquanto me esforçava para ficar de pé, limpando o rosto com a manga e, depois, cuspi e tossi mais um pouco, enquanto parava para observar à minha volta.

Notei uma voz em minha cabeça insistindo: Mova-se!

E embora tenha tentado obedecer, não estava acostumada a ser ela, não estava acostumada a ter membros tão mais longos que os meus (sem contar o vestido rígido e armado e os sapatos apertados que praticamente prendiam meus pés), então foi bastante difícil, a princípio.

Mas quando a voz se repetiu, acrescentando: *Rápido! Não há tempo a perder! Eles estão chegando!,* comecei a avançar aos tropeços, com o coração batendo freneticamente, e me virei na direção da casa a tempo de ver um homem sair correndo do celeiro, um homem que reconheci imediatamente como meu pai, com uma série confusa de emoções no olhar.

— *Vá!* — ele gritou, apontando para a casa, sem tempo para brincadeiras. — Vá pro andar de cima e se esconda naquele armário da antiga sala de estar da sua mãe, e não saia até que eu vá buscá-la. Entendeu?

Tentei entender seu olhar, imaginando o que ele estava escondendo de mim, mas ele então repetiu, mais alto, e não pude deixar de obedecer.

— *Não* saia por causa de ninguém além de mim. Haja o que houver! Agora vá! — ele praticamente gritou.

E fui. Suas palavras me perseguiram enquanto eu entrava correndo pela porta da frente e subia a escada de madeira, que rangia. A ideia de me despedir nem me passou pela cabeça, pois tudo parecia surreal, como algum tipo de jogo.

Coisas ruins aconteciam com as outras pessoas, não comigo.

Eu era rica, privilegiada, filha única de um grande e importante latifundiário, o que me tornava especial de um modo que sobrepujava em muito qualquer outra pessoa. Exceto a morte prematura de minha mãe, tudo o que fosse negativo, triste ou ruim sempre tinha passado batido por mim e recaía sobre outra pessoa.

Cheguei à velha sala de estar de minha mãe, como meu pai havia mandado. E, embora eu tivesse certeza de que ninguém sabia, a verdade é que eu sempre visitava aquele cômodo.

Eu gostava de me sentar na cadeira estofada, macia e confortável que ela usava para ler, depois passava para a menos confortável, de espaldar reto, na qual ela costumava escrever cartas e fazer listas. E, muito frequentemente, eu brincava de fingir que ela ainda estava lá, lendo e conversando comigo, ou de me transformar nela, dar um jeito de ficar em seu lugar.

Mas hoje não havia tempo para brincadeiras. Logo meu pai subiria as escadas e viria me buscar. E quando fizesse isso, bem, estava ansiosa para que visse como eu tinha sido perfeita.

Como havia obedecido suas ordens corretamente.

Quem sabe talvez ele enfim reparasse em mim, já que parecia nunca ter reparado antes.

Entrei no armário, engatinhei para o espaço pequeno e escuro que quase nunca era usado, passei os dedos na beirada da porta e a fechei da melhor forma que pude. Estava me encolhendo no fundo, quase acomodada, quando me lembrei de meu cão.

Cheguei para a frente, abri a porta, botei a cabeça para fora e chamei:

— Shucky! Aqui, menino! — E assobiei baixinho, rezando para que meu pai não escutasse.

Aliviada pelo som das patas de Shucky correndo pelo piso de madeira, peguei-o no colo quando ele entrou no armário e pulou em mim. Latindo baixinho, ele lambeu minhas bochechas, agitado, e eu fechei novamente a porta e voltei para onde estava.

Agarrei-o com força junto ao peito e tentei não rir quando seu focinho gelado encostou em meu ombro e meu pescoço. Lutei para ignorar o cheiro nauseante de mofo e de coisas variadas que não eram usadas havia muito tempo e fiquei tentando decifrar o olhar que eu tinha visto no rosto de meu pai.

Será que eu tinha visto amor?

E será que eu saberia dizer se fosse?

Fazia tanto tempo que ninguém me olhava daquele jeito que eu não seria capaz de reconhecer os sinais.

E foi assim que passei meus últimos momentos.

Resistindo ao cheiro do armário velho, da respiração ofegante e quente de meu cão, enquanto tentava determinar o significado do olhar de meu pai.

Minhas pernas começaram a doer por estarem numa posição tão desconfortável, minhas costas e o traseiro estavam ficando doloridos por passar tanto tempo apoiada no chão duro.

Fiquei imaginando se deveria dar uma espiada rápida, ver por que ele estava demorando tanto para me buscar, quando meu cachorro de repente ficou tenso, ergueu as orelhas e estreitou os olhos, começando a rosnar de forma ameaçadora.

Mas, embora ele tenha sido o primeiro a sentir, não demorou muito até que ficasse claro.

O som de uma debandada — centenas de corpos correndo com determinação.

O som da violência — coisas caindo e quebrando, enquanto se ouvia uma série de gritos, dos quais um em especial, que reconheci como o de meu pai, se destacava.

O som da porta da frente sendo arrancada das dobradiças.

O som de minha casa sendo atacada, invadida, saqueada e roubada.

O som do horrível silêncio prolongado de meu pai, que nunca veio me procurar.

E ainda assim, continuei esperando, como ele havia mandado.

Esperando até bem depois que a crepitação começou e o chão do armário foi ficando quente.

Bem depois que tiras acinzentadas de fumaça entraram pela porta e deixaram o ar impossível de se respirar.

Bem depois que as chamas lamberam meus calcanhares e subiram por meu vestido como serpentes.

Bem depois que meu cachorro, assustado, começou a rasgar buracos enormes em meu vestido, lutando com todas as forças para escapar.

Mas eu não o deixaria ir, não o deixaria sair sem mim, e o segurei junto ao peito, sussurrando sem parar o alerta de meu pai:

Não saia por causa de ninguém além de mim. Haja o que houver!

Meu corpo começou a criar bolhas e a queimar, e o laço de meu vestido agiu como um catalisador e encorajou as chamas a subirem por meus cabelos e meu rosto. Fui tomada por uma dor tão lancinante, tão grande, que disse a mim mesma que era uma brincadeira.

Que aquilo não podia estar acontecendo com alguém tão especial como eu.

Eu repetia essas palavras quando um monte de pedaços de madeira em brasas muito quentes caiu sobre nós, reduzindo meu cão e a mim a nada mais que um amontoado de ossos carbonizados e pó preto.

Obediente até o final, eu havia morrido exatamente onde meu pai me pedira para esperar.

Então, de repente, eu estava fora.

Olhei para o que restava de mim e de meu cão enquanto a cena continuava a se desenrolar, e via fumaça, fogo, destruição e sangue, grande parte de meu pai, julgando pelo estado de seu corpo, extremamente mutilado.

E quando vi o que havia causado tudo aquilo, ou melhor, quem havia causado tudo aquilo — quando me dei conta de que todos havíamos sido assassinados —, bem, daquele momento em diante eu só conseguia ver um vermelho.

Um vermelho que era vivo, ardente, que reluzia, brilhava e borbulhava à minha volta, até crescer o bastante para me abrigar.

Raiva.

Tudo o que eu sentia — tudo o que eu via — era uma raiva flamejante que se alastrava profundamente dentro de mim.

Uma raiva tão intensa que passou a me definir.

E então eu jurei vingança, jurei que cada um deles pagaria por me transformar nisso.

Ignorei o apelo vago, magnético, de algo brilhante, promissor e bom, preferindo passar o restante de meus dias em meu novo mundo raivoso.

Vi o massacre continuar, durante pouco mais de um mês, e vi enquanto o número de mortos e de corpos empilhados aumentava. Permiti que aqueles que eu considerava inocentes seguissem o apelo daquela coisa brilhante que estava além, e atraía os demais para minha armadilha luminosa de vingança — vendo-a crescer a cada nova alma que eu aprisionava, até que ela se transformasse no globo grande e sombrio em que vivíamos.

Minha garganta ficou seca e apertada, e, para alguém que não respirava mais, tive a sensação de que precisava desesperadamente de ar para não sufocar. O peso da alma de Rebecca estava ficando tão grande, tão opressivo, que foi completamente indescritível o alívio de quando me encontrei do outro lado.

Tossi, cuspi e fiz o possível para me recompor. E, embora Bodhi desse tapinhas em minhas costas e Buttercup lambesse suavemente minha mão, levei algum tempo até conseguir encará-los novamente.

E quando consegui, olhei diretamente para Rebecca e disse:

— Sinto muito pelo que aconteceu com você. — Esforcei-me para manter a voz estável, sincera. — Mas também lamento dizer que você está enganada. *Completamente enganada*. Tudo o que está fazendo aqui, todas as suas razões são muito erradas. Você está muito desorientada, e gente demais está sofrendo por isso.

Mas, embora eu tentasse olhar para ela com amor e compaixão, acho que demorei muito tempo para me dar conta de que o olhar, as palavras e a emoção eram completamente irreconhecíveis, não tinham sentido algum para alguém como ela.

De repente, o pequeno Shucky havia se transformado na Fera Infernal que eu tinha visto antes, e Rebecca estava parada diante de nós, tremendo com uma raiva incontrolável, com os olhos brilhando como os de seu cachorro.

— Vocês nunca sairão daqui! — ela gritou. — Nunca encontrarão a saída! Nunca, eu prometo!

O chão estremeceu, o vento uivou e uma chama quente e fumegante subiu e queimou tudo à nossa volta. Menos de um segundo depois, Rebecca e a Fera Infernal haviam desaparecido.

20

Nunca me esquecerei daquele som.

Enquanto eu continuar existindo, tenho certeza de que ele vai existir comigo.

Como é possível superar o lamento de centenas de almas agonizando?

Como é possível esquecer algo assim?

Só porque deixaram de habitar corpos reais, físicos, de carne e osso — só porque não têm mais um coração que bate e sistema nervoso central —, não significava que tivessem consciência disso.

Rebecca dominava a percepção delas de um modo que fazia com que todas as suas agonias mentais e físicas parecessem reais, da mesma forma que continuava a dominar nossa realidade também.

O vendaval nos cercava, bagunçando todo o meu cabelo, fazendo-o bater como um chicote em meu rosto, deixando-me sem escolha a não ser abaixar a cabeça, fechar bem os olhos e gritar junto com o uivo do vento. Minha voz saía áspera, rouca, enquanto eu me esforçava para ser ouvida um tom acima dos estrondos, incitando Bodhi e Buttercup a se concentrarem, localizarem um pequeno espaço de silêncio dentro de sua própria cabeça, lembrando a eles, e também a mim, que esse era o único jeito de evitar que afundássemos ainda mais no inferno de Rebecca.

Ainda assim, apesar de tudo, apesar de sabermos disso, era algo muito difícil para todos nós. Uma coisa era sabermos que estávamos jogando na realidade falsa do mundo de Rebecca — outra era nos pouparmos disso.

Materializei uma coleira para Buttercup, que normalmente a odeia, mas naquele momento ele estava bastante disposto a ficar ancorado a mim, e nos agarramos, abrindo caminho entre as almas, sendo surrados e esmurrados enquanto procurávamos desesperadamente pelo príncipe. Mas havia tanto vento, fumaça e escombros, tantas almas traumatizadas, que era impossível enxergá-lo.

— Temos que nos separar. — Bodhi agarrou meu braço e gritou em meu ouvido. — Sei que você não quer, mas, confie em mim, é o único jeito. Temos que libertar essas almas uma a uma. Se ficarmos assim e não fizermos nada, nunca chegaremos a lugar nenhum. Apenas seremos sugados para o turbilhão de sofrimento extremo, junto com todas elas.

Olhei para ele, sem saber ao certo se estava preparada para a tarefa. Mesmo sentindo que conhecia o território, possivelmente melhor do que Bodhi, uma pequena parte de mim ainda não confiava em mim mesma.

Ainda tinha uma pequena parte que não acreditava que eu realmente pudesse, de fato, realizar tudo aquilo.

Eu mal estava conseguindo unida a Bodhi e Buttercup, então, como poderia manter a concentração e o foco sem eles?

Quer dizer... uma coisa é falar, outra bastante diferente é fazer.

E no que dizia respeito ao ato de me concentrar, bem, digamos apenas que éramos como dois primos distantes que raramente se encontravam.

Mas Bodhi, sentindo — se não ouvindo — minha hesitação, bem como todos os pensamentos preocupados em minha mente, olhou para mim e disse:

— Você consegue, Riley. Você vai ficar bem. Poxa, você me ajudou, não foi?

Confirmei com a cabeça. Essa parte era verdade, embora o lembrete não tenha ajudado a amenizar a dúvida que me corroía.

— E Buttercup? Onde ele estaria agora se não fosse por você?

Olhei para meu cão, que me fitava, e não pude deixar de desejar que ele não pudesse ouvir meus pensamentos assim como eu não podia ouvir os dele. Eu não queria que ele soubesse como me tornara covarde.

Abracei minha cintura e abaixei a cabeça. Meus cabelos me chicoteavam, ficando bastante bagunçados, enquanto eu pulava na ponta dos pés para evitar que eles queimassem.

Que bela aprendiz eu estava me tornando — não conseguia nem me concentrar para superar a tempestade materializada por Rebecca.

Havia chegado até aqui sem nunca ter parado para pensar no que estava me metendo e, bem no momento mais importante, estava perdendo toda a coragem.

Era como olhar em um espelho e ver a pior versão possível de mim mesma.

Mas, afinal, eu tinha apenas doze anos.

Estava eternamente presa nos doze anos.

Com isso em mente, o que se poderia esperar de mim?

Estar morta não me deixou mais sábia do que eu era quando estava viva.

Estar morta não me deixou mais madura, nem me deu mais confiança ou força do que eu tinha no último dia que passei no plano terreno.

Quer dizer, se houvessem me deixado completar *treze* anos, eu talvez tivesse amadurecido o suficiente para enfrentar algo assim. Mas acontece que os treze anos e tudo o que eles prometiam nunca aconteceriam para mim, então por que esperavam que eu lidasse com algo dessa grandeza?

Mas, assim que encerrei o pensamento, Bodhi puxou com força minha manga e disse:

— Você está errada.

Levantei a cabeça de leve e olhei para ele por entre a franja despenteada.

— Você *consegue* se concentrar, já provou isso.

Engoli em seco com esforço. Embora meu corpo não produzisse mais saliva para que eu pudesse engolir de verdade, ainda assim engoli. Parece que velhos hábitos são difíceis de abandonar.

— Sem contar que você não conhece nada sobre Aqui&Agora.

Ele tinha minha total atenção.

— Não tem ideia de como funciona, não é? — perguntou Bodhi. Meus olhos estavam fixos nos dele.

— Ninguém nunca fica *preso* em lugar nenhum, Riley. Sério, que tipo de lugar você acha que é? Olhei para ele. Para ser sincera, eu realmente não tinha certeza. Àquela altura, ainda tinha muitas dúvidas sobre o funcionamento de tudo.

Ele abaixou mais a cabeça, apertou aquele canudo verde entre os dentes e falou:

— Então acho que agora você nunca descobrirá do que realmente é capaz de fazer lá, já que escolhe ficar presa aqui.

Fiquei boquiaberta. A princípio não conseguia falar nada, mas logo disse:

— Está dizendo que eu posso... que talvez eu possa... de verdade... *fazer treze anos algum dia?* — Apertei os lábios, certa de que era bom demais para ser verdade.

Mas Bodhi apenas enrugou a testa e deu de ombros de um modo vago e evasivo.

— Até onde eu sei, não há limites. Praticamente tudo é possível lá. Mas a parte triste é que você não chegará nem perto se não der um jeito de sair daqui.

Olhei para os dedos de meus pés, que pulavam chamuscados, ouvindo a voz dele dizendo em minha cabeça: Concentre-se. Perceba a verdadeira realidade deste lugar, não aquela que Rebecca quer que você veja.

E foi o que fiz.

Não demorou muito para que o vento cessasse, o fogo se extinguisse, o chão ficasse imóvel e meus dedos esfriassem. Mas meus cabelos continuavam parecendo uma peruca medonha.

— Você pode cuidar disso mais tarde. — Bodhi riu, passando a mão sob meu queixo. — Mas, primeiro, temos algumas almas a libertar.

21

Buttercup e eu fomos para um lado e Bodhi para outro. Cada um se aproximava da alma sofredora mais próxima, pegava sua mão e imergia em seu mundo de dor até conseguir introduzir aquele pequeno espaço de silêncio que as conduzia para fora de seu inferno.

E se você acha que parece simples, se acha que parece moleza, bem, deixe-me dizer uma coisa: Não é.

Nem um pouco.

A verdade é que fomos submetidos a algumas histórias muito sombrias — além de outras bastante assustadoras, e umas bem horríveis e outras tristes o suficiente. E falo por mim quando digo que fui testemunha de um tipo de sofrimento que nunca poderia ter imaginado, que nunca desejei ter imaginado antes.

Senti o estalar do chicote contra minhas costas nuas, cortando e fazendo minha pele sangrar.

Assisti com um medo indescritível a uma bola de boliche ser jogada intencionalmente em minha direção e passar raspando por meu rosto, sem me atingir por menos de um centímetro.

Ouvi o terrível bonk quando a mesma bola de boliche atingiu um amigo com menos sorte, trazendo-me a apavorante informação de que outro irmão havia morrido.

Mas ainda assim continuei em frente, oferecendo esperança, amor e compaixão — as três maiores e mais poderosas forças do universo —, e quando percebia aquele momento de alívio, quando via o pequeno espaço de silêncio sendo introduzido, bem, eu os encorajava a apoderar-se dele, concentrar-se nele e cultivá-lo até que ficasse grande o bastante para que pudessem entrar nele.

Grande o bastante para escapar para ele.

E no meio do caminho aconteceu uma coisa engraçada.

A cada alma que libertávamos, o mundo de Rebecca, sua bolha sombria e cintilante de raiva, ficava um pouco menor.

Embora eu não pudesse vê-la, dava para saber, pelo modo como Buttercup ficou paralisado, abaixou a cabeça e colocou o rabo entre as pernas, que Rebecca estava entre nós. Mas, pelo menos até então, ela não havia ousado se aproximar, e, sinceramente, eu me sentia tão poderosa com o trabalho que estava fazendo que não sei se me importaria se ela aparecesse.

De repente, eu tinha algo que antes me faltava: uma forte confiança em mim mesma e a promessa de um futuro no qual eu nunca havia me atrevido a pensar.

Se o que Bodhi havia dito era verdade, eu poderia realizar meu maior sonho: O de completar treze anos.

Mas, primeiro, havia coisas importantes a fazer.

Cada alma era diferente. Não existiam duas iguais. Algumas estavam com raiva de si mesmas, algumas tinham raiva de outras pessoas, e algumas haviam tido vidas tão horríveis que era realmente impossível compreender.

Mas eu não estava lá para julgar: Estava lá apenas para proporcionar certo alívio. Então continuei a andar pelas fileiras e reduzi significativamente a multidão, até que parei para dar uma boa olhada à minha volta e me impressionei ao descobrir que o mundo havia sido reduzido a Bodhi, Buttercup, o príncipe Kanta e eu.

Dizer que fiquei emocionada ao ver o príncipe de novo seria muito pouco. Embora eu tenha tentado não pensar muito nisso e continuar concentrada na alma que estava comigo, estaria mentindo se negasse que fiquei muito perturbada com sua ausência.

Mas quando tentei apresentá-lo a Bodhi, percebi que eles haviam se encontrado um pouco antes, quando as paredes começaram realmente a se fechar e eles toparam um contra o outro.

Embora ninguém tenha dito, eu sabia que estávamos todos procurando por Rebecca. Seu mundo havia encolhido tanto que sobrara apenas um lugar para ela se esconder — a grande casa amarela, uma réplica materializada daquela em que a menina crescera.

Olhei para a mansão, sem saber se devia dar o primeiro passo e ir buscá-la ou esperar que ela caísse em si, reconhecesse sua derrota e saísse balançando uma bandeira branca.

Mas quando Bodhi mencionou derrubar a casa para pegá-la, tive outra ideia.

Passei na frente deles e entrei, subindo rapidamente as escadas com meus amigos bem atrás de mim, sabendo o lugar exato onde encontrá-la, pois eu já havia passado por aquela experiência.

Fui direto ao armário. E embora admita que, por uma fração de segundo, eu tenha considerado materializar algum tipo de farsa que simulasse seu pai, sabendo que isso certamente a atrairia para fora, no final mudei de ideia. Em parte porque não me parecia certo — parecia cruel e indelicado — e em parte porque eu na verdade não tinha ideia de como fazer aquilo (mas fiz uma anotação mental para perguntar a alguém depois).

Parei diante da porta, olhando para trás e vendo o príncipe e Bodhi fazendo gestos de encorajamento com a cabeça, enquanto Buttercup batia o rabo contra o soalho.

Então peguei na maçaneta e abri a porta, estreitando os olhos enquanto eles se ajustavam à penumbra, vendo apenas a ponta de suas brilhantes botas

marrons, a barra de seu vestido enfeitado e uma pata do cachorro que ela segurava junto ao peito, até que afastei todas as roupas que estavam penduradas e pude olhar para a menina toda.

Nossos olhares se encontraram. Por um instante, tive certeza de que não conseguiria seguir adiante. Mas o pensamento logo foi superado por algo que só posso descrever como uma *onda de pensamentos* — um grande e maravilhoso enxame de amor e apoio que vinha de meus amigos.

Fortalecida pelo modo como aquilo me envolveu e se acumulou à minha volta, olhei para Rebecca e disse:

— Acabou. Acabou tudo. Só sobrou você, e agora é hora de sair.

Mas, se eu tinha alguma ilusão de que seria fácil, bem, logo a perdi.

Rebecca não pretendia ir a lugar algum. E no meio de seus gritos, xingamentos, insultos e disparates ela deixou isso claro.

— Ele não vem — eu disse, desviando de cada ataque verbal, deixando as palavras simplesmente passarem por mim. — Seu pai já se foi. Ele seguiu em frente há muito tempo. E isso significa que não há motivo algum para reviver tudo isto.

Ela foi ainda mais para o fundo, apertando o cão com mais força, e me chutou com as botas. Quando ficou claro que ela não iria a lugar algum, quando ficou claro que nenhum de nós iria, ela fez o impensável.

Ela soltou o cachorro e mandou que ele atacasse Buttercup.

Eu gritei.

Não pude evitar.

A visão daquela fera atacando meu cão me fez perder a concentração.

Mas, felizmente, eu tinha cobertura.

Uma cobertura que não ficou nem um pouco abalada com aquilo.

E não, não estou me referindo a Bodhi, nem mesmo ao príncipe Kanta, pois definitivamente os ouvi respirar fundo naquele momento. Estou falando de Buttercup.

Meu doce labrador amarelo, vendo o cachorro ficar cem vezes maior, respondeu com a brincadeira de jogar e buscar que estávamos fazendo antes, a brincadeira que deu início a tudo isso. Materializando uma bola de tênis verde-limão, ele a jogou, quicando, pela porta, pelo corredor, e depois latiu e abanou o rabo com mais vigor enquanto via o cão infernal correr atrás dela.

A última coisa que ouvi enquanto Shucky corria escada abaixo e saía pela porta da frente foi o som de Rebecca gritando "Nãããããããããão!" quando percebeu que seu cão, graças ao meu, estava agora do outro lado do globo.

Tentamos persuadi-la, tentamos convencê-la a se juntar a ele, mas ela se recusou. Mesmo depois que esvaziamos o armário, a casa, e tentamos mostrar a ela como seu mundo havia encolhido rapidamente, que além de nós três ela era a única habitante, Rebecca ainda resistia à verdade.

Escolheu revidar, materializando todo tipo de lembranças detestáveis, geradoras de raiva, além de todos os desastres naturais de que se lembrava.

No entanto, continuamos calmos, concentrados e unidos — cada um de nós feliz no pequeno e tranquilo espaço de silêncio que ela não podia mais tirar de nós.

— E agora?

Olhei para o príncipe e Bodhi, em busca de palavras sábias ou algum tipo de orientação.

— Nós a deixamos. — O príncipe deu de ombros. — Agora que meus irmãos e irmãs estão livres — ele apontou com a cabeça para o lado de fora do globo, onde todos estavam olhando para nós —, é minha hora de ir. Eu tinha esperança de alcançá-la, mas isso ainda não me parece possível. Sinto muito por isso. É um fracasso muito grande de minha parte.

Embora Bodhi concordasse prontamente que deveríamos todos ir embora e talvez voltar a visitar aquela menina triste e brava algum outro dia, eu tive uma ideia bem diferente.

— Sei *exatamente* como tirá-la daqui — disse, olhando para os dois. — Acompanhem o que eu vou fazer.

22

— Você não pode fazer isso — disse Bodhi, mas eu dei as costas a ele, determinada a prosseguir mesmo sob protestos. — Não pode obrigar alguém a cruzar a ponte. Vai contra todas as regras. E não acredito que eu tenha que repetir isso a você, você já sabe disso.

Olhei para o príncipe, constrangida por estar discutindo na frente dele. Ainda assim, pretendia manter meu ponto de vista. Eu havia tido uma ideia. Uma boa ideia, em minha opinião. E tinha certeza de que funcionaria se Bodhi pelo menos me desse uma chance.

— Ninguém está *obrigando* nenhuma pessoa a fazer nada — eu disse, fazendo questão de revirar os olhos e balançar a cabeça. — Quer dizer, afe, o que você pensa que eu sou? Alguma amadora?

Torci os lábios.

— Então o quê? — perguntou ele, ainda querendo discutir. — Pode ver que ela não está cooperando, então, já que você não vai obrigá-la a obedecer sua vontade, como pretende convencê-la?

Coloquei as mãos nos quadris e olhei em volta. Só porque ele era responsável por me orientar, isso não queria dizer que sabia coisa alguma a respeito das profundezas de minha imaginação.

— Não irei *obrigá-la*, e realmente duvido muito que eu consiga convencê-la, mas sei de algo que poderá fazer isso.

Bodhi estreitou os olhos, descontando o aborrecimento no canudo que massacrava entre os dentes.

— A *ponte* irá convencê-la.

Ele suspirou. Um daqueles suspiros longos, altos e exasperados que logo foi seguido por:

— Desculpe, mas eu não acabei de dizer que...

No entanto, as palavras foram interrompidas pela palma de minha mão.

— Talvez você tenha razão — eu disse, alternando o olhar entre ele e o príncipe. — Talvez eu não possa obrigá-la a cruzar a ponte, mas não significa que não possa levá-la até lá.

Os dois olharam para mim.

— E quando ela vir o que a ponte promete, bem, não terá como resistir.

— Ah, é? E se ela resistir? — perguntou Bodhi, recusando-se com teimosia a ver a genialidade absoluta de meu plano.

Mas apenas dei de ombros.

— Bem, então nós cruzaremos a ponte e a deixaremos lá, olhando para ela por toda a eternidade. Mas não há chance de isso acontecer — respondi, minha voz soando mais confiante do que eu realmente estava.

— Então como você propõe que a levemos até lá, até essa... ponte? — perguntou o príncipe, ainda vestindo os trapos que usava quando nos conhecemos.

Abaixei os braços e olhei para ela — para o mundo que ela criara, que antes parecia tão grande e opressivo, e agora estava reduzido ao tamanho de uma garota comum de treze anos.

Ela nos fuzilou com os olhos. Pulsos erguidos de raiva, gritava todos os tipos de ameaça em que conseguia pensar. E estava tão furiosa por seu cãozinho Shucky (de volta à sua versão minúscula) estar sentado ao lado de Buttercup que chegou a incluí-lo nas ameaças.

Para ser sincera, se me perguntassem naquele momento qual era meu plano para levá-la até ao menos perto da ponte, bem, eu realmente não teria uma resposta. Quer dizer, a viagem não era tão longa, já que bastaria materializar o suave véu dourado de luz e pular para o outro lado, mas, ainda assim, como convenceríamos Rebecca a transpô-lo?

Como a levaríamos primeiro para Summerland e depois, com sorte, para Aqui&Agora?

Então tive uma ideia: por que não a rolávamos até lá?

Afinal, a bolha era perfeitamente esférica, o que devia facilitar bastante. Embora eu soubesse que ela não iria gostar, àquela altura admito que não estava muito preocupada com isso.

Aproximei-me do globo, coloquei as mãos uma de cada lado do espaço onde os olhos de Rebecca brilhavam e as bochechas queimavam vermelhas, e comecei a empurrar. No início, rolei lentamente, vendo-a balançar e cair, e ficar histérica enquanto seu mundo inteiro ficava de cabeça para baixo e um grande turbilhão de cinzas se espalhava por todos os lados.

E quando eu estava prestes a considerar meu plano — apesar de esquisito — um sucesso, um dos irmãos do príncipe Kanta, um ex-escravo que reconheci do sádico jogo de boliche do pai de Rebecca, colocou a mão em meu braço, e quando nossos olhos se encontraram eu vi algo que praticamente me fez cair de joelhos.

E assisti admirada quando ele tomou meu lugar, ajoelhou-se no chão e tentou levantar a bolha nos ombros.

No início, não entendi o gesto. Não entendi por que ele decidira se encarregar daquele fardo. Mas depois, quando todos os outros escravos se juntaram a ele, de repente começou a fazer sentido.

Eles a haviam *perdoado*.

Eles haviam se *libertado* não apenas do mundo que ela materializara, mas também de sua conexão centenária com ela.

Apegados à raiva, ao ódio e ao desejo de vingança, eles haviam permanecido escravizados durante muito tempo depois da morte.

A verdadeira libertação, o verdadeiro caminho da liberdade, estava na capacidade de perdoar.

Um perdão que não absolvia Rebecca ou seu pai dos atos horríveis que haviam cometido, mas que libertava os escravos da conexão com essas ações terríveis, assim como a conexão com aqueles que as cometeram, permitindo que finalmente seguissem em frente.

Então, quando eu tive certeza de que já havia visto tudo, o príncipe Kanta me surpreendeu ainda mais ao dizer:

— Permita-me.

E em seguida ele materializou uma bela e luxuosa liteira — como a que Cleópatra usava —, e juntos colocaram o globo sobre ela, imunes à imagem de Rebecca chutando, gritando e jogando grande volume de cinzas por todos os lados. Enquanto isso, um grupo de ex-escravos deu um passo à frente para segurar nas hastes douradas e brilhantes que ficavam nas laterais, e Bodhi e eu demos as mãos, fechamos os olhos e materializamos a luz dourada e suave que leva a Summerland.

Nós dois recuamos admirados ao ver as mesmas pessoas que haviam sido escravizadas por Rebecca e seu pai carregá-la através do véu, o que levarei para sempre na lembrança como a imagem suprema do *perdão*.

23

Quando chegamos a Summerland, eles arriaram a liteira na grama vibrante e viçosa. Todos os escravos reservaram um instante para colocar as mãos no vidro e deixar a menina com uma bênção de paz, até que o príncipe Kanta tomou a frente e disse:

— Vocês libertaram meus irmãos e irmãs. Graças a você, Srta. Riley Bloom, eles agora estão livres não só da escravidão física, mas, principalmente, da escravidão da própria mente. Falo em nome de todos quando digo que somos eternamente gratos por você ter nos mostrado o caminho.

Sacudi rapidamente a cabeça, esforcei-me para superar a sensação de nó na garganta e olhei para a longa fileira formada por eles, dizendo:

— Apenas apresentei a eles o brilho do silêncio. Eles o cultivaram dali em diante.

Mesmo falando sério, mesmo sabendo que eles realmente haviam feito a parte mais difícil — acalmando a mente de toda raiva, ódio, julgamento e caos, bem como da ira justificada por seu próprio passado terrível —, não pude deixar de sentir um pouco de orgulho de mim mesma.

Também não via a hora de me olhar em um espelho para ver como um ato daquele podia ter afetado meu brilho.

Mas isso teria que ficar para depois. Bem depois. Àquela altura, eu ainda tinha que ajudar um monte de almas a atravessar.

Então, quando o príncipe Kanta desviou o olhar de mim para a ponte — uma construção um tanto antiga, de aparência frágil, feita de madeira lascada e corda —, confirmei com a cabeça e disse:

— Sim, é isso. O paraíso os espera do outro lado. Só que ninguém chama de paraíso, o nome é Aqui&Agora. Mas, enfim, vocês logo aprenderão todas essas coisas.

— E Rebecca? — perguntou ele, virando-se novamente para o globo. — Algum dia encontrará a paz para se libertar?

Eu apenas dei de ombros. Não tinha resposta para aquela pergunta. Era praticamente uma incógnita.

Ele fez um sinal para o grupo ir na frente, e, depois de apertar minha mão e a de Bodhi, depois de se ajoelhar para afagar a cabeça de Buttercup e de Shucky, todos endireitaram os ombros, ergueram a cabeça, esticaram a coluna e foram até a ponte no que parecia uma procissão interminável.

Mesmo sabendo que haveria muito mais almas para apanhar no futuro, mesmo sabendo que eu logo seria responsável por todo tipo de tarefa interessante, em lugares talvez ainda mais exóticos que St. John, nas Ilhas Virgens, algo me dizia que aquela cena sempre teria destaque em minha memória.

Não porque eu tinha insistido em exercer meu livre-arbítrio e seguir sozinha.

Nem por não ter ideia do que pensariam Aurora, Royce e o restante do Conselho (algo que ainda me preocupava, apesar do sucesso de minha missão).

Mas porque havia uma grande chance de que eu nunca mais testemunhasse algo tão poderoso.

E enquanto eles continuavam a marchar, com a ponte balançando e se curvando, mas ainda forte para sustentar a todos, e passavam pelo marco enevoado da metade do caminho, essa parte de Summerland — área que sempre foi úmida e cheia de neblina — tornou-se clara e quente, como se fosse um dia de primavera do plano terreno.

E até começou a *brilhar*.

Virei-me para o príncipe, vendo sua hesitação, olhando para Rebecca com muita preocupação enquanto ela continuava a gritar, xingar e espernear.

O que mais me incomodava ao vê-la agindo assim era saber que fiz o príncipe se sentir como se tivesse fracassado.

— Isso não é bom — sussurrei a Bodhi. — Realmente achei que ela mudaria de ideia quando visse este lugar, mas, aparentemente, ela está pior do que eu pensava.

Mas Bodhi apenas olhou para mim, balançando o canudo para cima e para baixo na boca, e resmungou:

— Talvez.

Estreitei os olhos, sem saber o que ele queria dizer com aquilo.

— Eu quis dizer: *veremos*.

Ele deu de ombros, aproveitando-se claramente do fato de que seus pensamentos estavam completamente indisponíveis a mim.

Voltei a me concentrar nos ex-escravos, e assim que o último atravessou, observei em total surpresa quando Bodhi se aproximou do ex-Cão Espectral/Cachorro Negro/Cão Fantasma/ Coisa Odiosa/Fera Infernal-que-virou-uma-coisinha-minúscula-sem-raça-definida, pegou a bola que estava a seus pés e mirou diretamente na ponte, sorrindo de triunfo quando ela passou pela neblina que escurecia o meio e quando o pequeno Shucky a perseguiu latindo.

— Ei, isso é trapaça! — gritei, olhando para ele completamente incrédula. — Não acredito que você fez isso. Não acredito que o obrigou desse jeito.

Mas Bodhi apenas olhou para mim, sacudindo a cabeça, e disse:

— Ninguém *obrigou* ninguém. O cão agiu de *livre-arbítrio*. Ele escolheu ir atrás da bola, assim como você optou por exercer seu livre-arbítrio quando foi atrás dele. — Bodhi balançou o canudo em minha direção. — O livre-arbítrio é

muito poderoso, Riley. Às vezes é o único modo de se dar conta de seu verdadeiro destino, embora isso requeira um bocado de confiança: em si próprio e no universo, como tenho certeza que você agora sabe.

Concordei com a cabeça, juntando suas palavras com cuidado e guardando-as para mais tarde. Eu sabia que gostaria de repassá-las, pensar nelas, mas no momento toda a minha atenção estava em Rebecca.

No jeito como ela ficou boquiaberta, com os olhos extremamente arregalados, com uma expressão tanto de indignação quanto de surpresa ao ver seu cachorro sair correndo, feliz, para o outro lado.

— Para onde ele foi? — perguntou ela, substituindo a raiva pelo espanto.

— Ele foi para *casa* — respondi com calma, olhando diretamente em seus olhos. — E você pode se juntar a ele se quiser. A escolha é sua.

Ela alternou o olhar entre mim e Bodhi, e por sua expressão, bem, só posso dizer que me enchi de esperança por ela pela primeira vez no dia.

Quer dizer, não me entenda mal, ela ainda estava com as bochechas um pouco vermelhas, ainda um pouco carrancuda, mas mesmo assim ficou claro que a vontade de brigar estava começando a desaparecer.

Ela ficou nos encarando, trancada em um mundo no qual já passara tempo demais. Seus dedos começaram a relaxar, as mãos, a abrir, enquanto ela olhava fixamente para a promessa dourada e brilhante de luz e sussurrava:

— Ai, meu Deus... É *tudo* verdade!

Admito que entendi totalmente errado a princípio.

Eu tinha certeza de que ela se referia à luz, ao paraíso, a Aqui&Agora, como você preferir chamar. A imagem era incrível e, uma vez vista, a atração era praticamente irresistível.

Mas eu estava errada.

Acabou sendo ainda melhor do que isso.

Rebecca não estava se referindo apenas àquele incrível brilho dourado — estava falando da verdade que ela havia visto lá dentro.

Uma verdade à qual ela resistira por tantos anos — séculos, na verdade —, que agora surgia de um modo que não podia ser ignorado.

Ela viu a verdade de sua vida — e também da vida do príncipe Kanta. Mas, apesar de seus atos horríveis, egoístas, também viu que aquele não era o lugar sinistro, de punição, do qual ela tinha um medo secreto.

Aquele era um lugar repleto de amor, calor e compreensão profundos.

Um lugar onde ela nunca mais se sentiria tão sozinha como sempre se sentira durante a vida.

Também viu a silhueta bruxuleante de sua mãe, esperando por ela no meio do caminho.

E então, quando eu me dei conta, o mundo inteiro dela se fragmentou.

O globo se rompeu.

A bolha estourou.

E uma chuva de cacos voou pelos ares, pairando por um instante como um luminoso manto de estrelas, e então caindo suavemente pelo chão, aterrissando a seus pés e derretendo na grama.

Ela andou na direção do príncipe, e não consegui deixar de ficar tensa, mas logo Bodhi colocou a mão em meu braço, Buttercup chegou perto de mim, e eu fui me acalmando. E quando eu tinha certeza de que ela faria uma mesura diante dele, como fizera comigo, ela fez algo totalmente diferente. Algo que eu não esperava.

Ela se ajoelhou e pousou a cabeça a seus pés, o ato supremo de humildade. Recusou-se a ficar de pé, até que o príncipe gentil disse:

— Criança, por favor. Não é necessário.

Ele pegou sua mão e a ajudou a se levantar, até olhar novamente para seu rosto. Só que dessa vez a raiva já havia passado, se dissolvera com a bolha, deixando uma jovem muito arrependida, muito humilde em seu lugar.

— Sinto *muito* — ela disse com a voz fraca, trêmula — pelo que fiz com vocês, pelo que meu pai fez com vocês... — Ela sacudiu a cabeça e fez uma careta diante da lembrança que negara durante séculos. Finalmente foi capaz de ver toda a verdade, os terríveis atos cometidos contra ele. E naquele momento eu soube que a antiga Rebecca havia desaparecido e uma nova havia tomado seu lugar. — Não tenho ideia de como compensá-lo, mas prometo que darei um jeito. Farei o que for preciso, só me diga por onde começar.

Seus olhos e bochechas brilharam quando lágrimas cristalinas escorreram por seu rosto. E eu assisti, admirada, ao momento em que o príncipe inclinou-se para a frente, pegou uma das lágrimas na ponta do dedo e transformou-a em um belo ramo de oliveira.

— Não há necessidade. — Ele entregou o ramo nas mãos estendidas dela. — Eu a perdoei há muito tempo. Só estava esperando você se livrar da raiva. Acredite em mim quando digo que o sofrimento físico que enfrentei como escravo não foi nada comparado ao sofrimento na bolha, quando eu fui torturado por minha própria mente, minhas próprias lembranças das coisas terríveis que fizeram comigo e das que eu havia feito aos outros. — Ele fez uma pausa para garantir que ela havia entendido, depois lhe ofereceu o braço e perguntou: — Então, o que acha? Vamos?

Ela fez que sim suavemente e deu o braço a ele. Ambos pararam diante de nós, e Rebecca olhou para mim e disse:

— Sinto muito, eu...

Mas eu apenas lhe mostrei a palma de minha mão e a interrompi.

— Não se preocupe — disse a ela. — Acredite, isso não será um adeus. Aqui&Agora pode ser um lugar bem grande, mas tenho certeza de que a verei novamente. Basta que eu procure pela menina com o grande laço amarelo e o vestido brilhante.

Ela olhou para si mesma, claramente constrangida por usar aqueles trajes enquanto o príncipe se vestia com trapos.

E então ele imediatamente materializou uma nova túnica para si mesmo, e ela aproveitou a oportunidade para materializar algo menos espalhafatoso, um pouco mais simples.

Depois dos cumprimentos e abraços, e das palavras que acabaram se transformando em uma despedida cheia de lágrimas, comecei a me afastar, segura de que tudo havia realmente terminado, quando eles chegaram ao pé da ponte e o príncipe se virou e disse:

— Srta. Riley!

Olhei para trás, fitando seus olhos, e, bem, digamos que finalmente atingi o segundo objetivo que eu havia estabelecido.

Não apenas havia destruído a bolha e conduzido todas aquelas almas perdidas para seus verdadeiros destinos, mas também, por causa disso, o príncipe havia me recompensado com o mais maravilhoso e caloroso sorriso, cheio de dentes brancos, e com direito a covinhas.

— O que foi? — perguntou Bodhi, alternando o olhar entre nós.

Mas eu apenas dei de ombros, sorrindo e acenando para o príncipe.

— Acredite, você não entenderia — respondi.

24

Assim que eles foram embora, Bodhi olhou para mim e disse:

— E agora? Ainda quer continuar com as férias? Não chegamos a visitar a cidade.

Apenas neguei com a cabeça. Para mim, aquela folguinha havia t-e-r-m-i-n-a-d-o. Por mais legal que fosse a cidade, nunca seria igual aos lugares em que havia estado.

Eu havia acabado de vivenciar um tipo de aventura em St. John que jamais seria encontrada em fôlder algum, o que garantia que nada que eu visse depois daquilo chegaria aos pés.

— Então, o que faremos? — Ele se agachou para afagar Buttercup, ainda olhando para mim. — Quer ir para outro lugar? O Conselho não está à nossa espera agora, o que significa que podemos fazer o que quisermos.

Estreitei os olhos, tamborilei os dedos nos quadris e fiquei analisando o que ele acabara de dizer.

Por que ele estava se esforçando tanto para me manter em uma festa que obviamente já havia terminado?

Seria uma armadilha?

Estaria ele tentando me enganar para ver se eu escolheria permanecer em St. John em vez de voltar para Aqui&Agora e enfrentar as consequências por assumir um trabalho que não havia sido designado para mim?

Ou estaria falando sério sobre continuar de férias?

E, se fosse isso, qual seria o motivo?

Seria para termos oportunidade de continuarmos nos conhecendo melhor?

Porque, sinceramente, depois de experimentar o que foi ser Bodhi durante aquela cena com Nicole, eu praticamente sentia que o conhecia um tanto melhor do que gostaria, muito *obrigada*.

E, preciso dizer, quanto mais eu pensava, mais dúvidas apareciam — e mais uma vez eu me dividia entre meu lado mais racional e o paranoico.

— Vamos — falei, acenando com firmeza para que ele soubesse que eu estava falando sério. — Vamos voltar logo de uma vez.

Ele me observou, estreitando os olhos, e fez um som totalmente nojento ao chupar o canudo.

— Sério. Quer dizer, já estamos quase lá, para que adiar mais?

E o modo como ele me olhou, bem, digamos apenas que foi tão revelador que não pude deixar de notar que Bodhi não estava tentando me enganar — era mais como se estivesse me usando para enganar a si mesmo.

Era *ele* que não queria voltar.

Era *ele* que estava sentindo medo de se apresentar ao Conselho.

Depois de tudo o que tínhamos acabado de conquistar, algo bem importante em minha humilde opinião, ele estava bastante inseguro a respeito do que poderia acontecer — duvidando que o Conselho fosse apoiá-lo.

Afinal, seu trabalho era me orientar, e se pensarmos nisso em termos absolutos, fica claro que ele não foi nada bem-sucedido nesse quesito.

Ele havia tentado me convencer a não ir atrás da Fera Infernal. Mas eu dera ouvidos a ele? É claro que não! Simplesmente tinha ido por minha conta, deixando-o sem escolha a não ser me seguir. E mesmo assim, quando ele me alcançou, também não conseguiu me impedir — e não teve escolha além de seguir minha orientação.

Só de pensar, fiquei me sentindo culpada.

Até mesmo um pouco envergonhada.

Estava claro que era tão difícil me orientar na morte quanto havia sido durante a vida.

Eu ainda era teimosa, impulsiva, impaciente — todas as características ruins que ele me acusara de ter e ainda mais.

Era como se nada tivesse mudado — pelo menos em relação à minha personalidade.

Ainda assim, como ele mesmo dissera, eu tinha todo o direito de exercer meu livre-arbítrio.

E ninguém, nem mesmo meu guia, tinha o direito de me privar disso.

— Vamos — repeti, olhando para trás e vendo Buttercup correndo, tentando me alcançar. — Podemos voar, andar, ignorar a ponte e pegar o caminho mais longo, se você quiser. Deixarei por sua conta. No final, todos os caminhos levam ao mesmo lugar. Todos nos levam de volta para casa.

25

Quando voltamos a Aqui&Agora, Bodhi parecia ansioso para se livrar de mim.

Não ganhei nem mesmo um tchau, até mais, adiós, nada, e ele já estava indo embora.

— Hum, ei! — gritei, contemplando suas costas com os olhos semicerrados e sacudindo a cabeça. — Não está se esquecendo de uma coisinha chamada o Conselho? — É claro que ele estava tentando evitar o que eu sabia que seria inevitável.

Ele parou, deu meia-volta e olhou diretamente para mim.

— Não somos nós que vamos ao Conselho, Riley, é o Conselho que vem até nós.

Ah.

Baixei os olhos, sentindo-me penosamente consciente de que, apesar de toda a minha ousadia no plano terreno, eu ainda era um tanto quanto incompetente Aqui.

— E como saberemos qual é a hora certa? — perguntei, considerando-me meio estúpida.

Mas de que outro jeito eu aprenderia?

Mas Bodhi apenas olhou para mim.

— Eles vão me convocar, e eu vou então convocar você. — Ele olhou em volta, como se precisasse estar em outro lugar com urgência. — Então... terminamos aqui? — perguntou, mais ansioso do que nunca para se afastar de mim.

Concordei com a cabeça, vendo-o ir embora novamente e precisando segurar Buttercup para que o cachorro não fosse atrás dele.

Traidor!, comecei a dizer enquanto olhava para meu cão, mas a palavra se dissolveu em minha língua no instante em que ele me olhou com aqueles grandes olhos castanhos.

E eu não podia culpá-lo por preferir Bodhi a mim. Pelo que pude ver, Bodhi era um astro do rock por aqui. Na verdade, ele devia ter um amontoado de tietes e amigos, toda uma comitiva de fãs esperando para encontrá-lo, e eu tinha apenas a mim.

Certo, talvez não fosse exatamente verdade.

Talvez eu tivesse também meus pais e avós.

Mas, ainda assim, por melhor que fosse saber que eles estavam por ali, em algum lugar, não era comparável ao tipo de amizade que eu desejava.

O tipo que eu tinha no plano terreno.

O tipo que vinha acompanhado de risadas, diversão e interesse comum em muitos, senão todos os assuntos.

E para ser sincera, eu não apenas estava totalmente confusa a respeito de como as coisas funcionavam Aqui, mas também tinha tanta dificuldade em controlar o que só poderia ser descrito como pensamentos e opiniões superficiais e críticas demais que aparentemente qualquer um podia ouvir, que não tinha ideia de como agir para fazer amigos.

Então fiquei vagando, dizendo a mim mesma que aquilo me ajudaria a me ambientar, mas a verdade é que, no fundo, eu sabia que era mentira.

Eu sabia exatamente para onde estava indo, e por isso não foi surpresa quando fui parar bem em frente ao Observatório.

Mesmo sabendo que não era recomendado, ou sequer bem-visto — mesmo tendo ciência de que decepcionaria meus pais, o Conselho e provavelmente Bodhi, mesmo que meu cão tenha parado na porta, recusando-se a dar mais um passo e ser cúmplice, olhando para mim com aquele olhar que dizia Ah, não, ela não faria isso —, ainda assim entrei.

Peguei um número no distribuidor de senhas e fui para o que parecia uma longa fila, mentindo mais uma vez para mim mesma ao jurar que daria apenas uma espiadinha, veria como estavam minha irmã e talvez alguns velhos amigos e logo iria embora.

Esperei minha vez, olhando para os cabelos grisalhos, muitos dos quais reconheci de minha última visita ilícita, e não pude deixar de imaginar por que eles podiam olhar para o plano terreno e eu, não.

Seria por alegarem que estavam apenas dando uma olhada nos netos, em vez de acompanhar loucamente os acontecimentos como se fosse algum tipo de novela?

Ou haveria algum tipo de diferenciação em Aqui&Agora que permitia apenas aos velhinhos serem nostálgicos, enquanto os jovens eram estimulados a esquecer? A fila crescia enquanto eu me aproximava da frente. Estava determinada a ficar quieta, ficar na minha, quando ouvi um senhor atrás de mim dizer:

— Ela ainda se preocupa comigo. Depois de todo esse tempo, não para de sofrer. Mesmo depois de visitá-la várias vezes em seus sonhos, mesmo pegando em sua mão e dizendo: “Helen, escute, eu juro que estou bem. Agora, por favor, volte a viver!”, assim que ela acorda se convence de que não era eu, e o sofrimento começa de novo. E às vezes... — Ele fez uma pausa e eu aproveitei para olhar discretamente seus brilhantes sapatos sociais pretos e as meias combinando que ele usava com bermudas de lã xadrez. — Vou dizer uma coisa, Mort, às vezes acho que só estou piorando as coisas.

Eu me virei. Não pude evitar. Eu me virei e o encarei.

Eu nunca escutara aquilo.

Não sabia que era sequer possível visitar os sonhos de outra pessoa.

E antes que eu pudesse lhe perguntar qualquer coisa, ele olhou para mim e disse:

— Posso ajudá-la?

Embora as palavras possam ter parecido gentis, acredite, não foi essa a intenção, nem um pouco. O tom de sua voz me informou em alto e bom tom que ele não estava nem um pouco contente em me ver, e havia ficado claramente irritado por me pegar escutando sua conversa.

— Hum, desculpe — eu disse, alternando o olhar entre ele e o amigo. — Mas acabei escutando. O senhor acabou de falar algo sobre entrar nos sonhos de alguém?

Ele estreitou os olhos enrugados e me fitou com cuidado, enquanto o amigo — que ele havia chamado de Mort e usava camisa havaiana roxa e laranja — decidiu responder por ele.

— Uma visitação de sonhos, é isso mesmo.

Ele me olhou atentamente.

Minha mente começou a rodar, girando com todas as possibilidades daquilo, e eu disse:

— E, hum, poderia me dizer como alguém pode fazer uma coisa dessas?

Apertei os lábios e torci para que aquilo não soasse tão desesperado a seus ouvidos como pareceu aos meus.

Eles olharam, analisaram, praticamente me dissecaram de um jeito que demonstrava pouca disposição em me ajudar, e eu fiquei pensando se talvez fosse culpa de meu brilho.

Meu brilho verde-claro, bem fraco, que, segundo Bodhi, marcava-me claramente como membro da equipe do nível 1,5 — quase uma novata para eles.

Embora não tenha dado tempo de verificar, de ver se meu brilho fora afetado por tudo o que conquistara em St. John, só de olhar para o brilho deles, um tom sereno de amarelo, bem, eu podia imaginar que eles provavelmente achavam que esse tipo de informação é muito avançada para alguém tão simplório como eu.

Comecei a me virar, dizendo a mim mesma para esquecer o assunto, já que estava óbvio que eles não queriam me ajudar, quando Mort me encarou, coçou o queixo com unhas surpreendentemente brilhantes e bem-cuidadas, e disse:

— Bem, primeiro é necessário ir ao lugar onde acontecem os sonhos.

Engoli em seco e estreitei os olhos, mas fiz o possível para permanecer firme. Não queria que eles soubessem que, até aquele momento, eu não tinha ideia de que existia um lugar desses.

Ainda assim, ficou bem claro no olhar que ele trocou com o amigo que ambos conseguiam ver através de mim.

E foi por isso que fiquei tão surpresa quando ele ignorou a cotovelada do amigo e disse:

— É bem fácil encontrar, você só precisa...

Eu me inclinei para a frente, ansiosa para escutar todos os detalhes, mas suas palavras foram interrompidas por alguém gritando:

— *Próximo!*

Eu me virei, vendo meu número piscar na tela.

— Parece que chegou sua vez.

Mort deu de ombros junto com o amigo.

Fiquei dividida. Dividida entre olhar o plano terreno, ver como estava minha irmã e meus amigos, e a necessidade repentina, mas desesperada, de saber mais sobre o lugar onde acontecem todos os sonhos.

Estava prestes a mencionar o assunto novamente quando o amigo de Mort, o que havia começado tudo aquilo, disse:

— Vai usar sua vez ou não?

Olhei para eles, e ficou claro pelo olhar dos dois que não pretendiam me dizer mais do que já haviam dito.

Embora o momento tivesse passado, a semente havia sido plantada.

E para mim já era um bom começo.

Passei meu número para Mort e saí rapidamente, esperando encontrar algum tipo de biblioteca ou centro de pesquisa, algum lugar imponente que pudesse me dar algumas respostas, mas encontrei Buttercup esperando no mesmo lugar onde o havia deixado, e Bodhi a seu lado, mastigando o canudo com força.

— Não é o que você está pensando! — gritei, arrependendo-me assim que as palavras saíram.

Sério. Até parece que eu não sabia bem como esse tipo de negação nunca funciona.

— Fomos convocados — disse Bodhi, optando por ignorar minha declaração ridiculamente transparente. — O que significa que você talvez deva se arrumar. Ah, e talvez deva também torcer e rezar para que ninguém descubra que a primeira coisa que você fez ao voltar foi vir para cá.

Fechei a cara, irritada com suas palavras, mas sem poder negar o que havia feito. Livrei-me do biquíni e da saída de praia que já estavam bem sujos, materializei um bom jeans, sapatilhas de balé e uma camiseta superfofa.

— Está melhor?

Ergui a sobrancelha e inclinei o queixo.

Mas Bodhi apenas resmungou e me apressou, olhando para trás e dizendo:

— Haja o que houver, faça o que eu fizer, certo? Por favor. Para seu próprio bem...

Ele deu uma parada longa o suficiente para que eu conseguisse alcançá-lo.

— Para seu próprio bem, deixe-me cuidar de tudo.

Ele virou uma esquina, depois outra, e nos conduziu por vários degraus até o mesmo prédio de vidro fumê onde tinham mostrado o resumo de minha vida.

Para ser sincera, se eu tivesse estômago, aquele seria o momento exato em que ele teria começado a girar e se apertar, dando cambalhotas até descer a meus joelhos.

Eles estavam lá dentro.

Aurora, Claude, Samson, Celia e Royce — todo o Conselho reunido, esperando para ouvir o meu lado da história.

Não havia como evitar.

Eu não tinha escolha além de enfrentar.

Eu agira com teimosia e impulsividade, insistindo em exercer meu livre-arbítrio apesar de ter sido avisada para não me comportar assim.

Mesmo que tudo tenha dado certo no final, a verdade é que aquilo não fora uma tarefa. Fora o oposto. Meu guia havia proibido estritamente que eu fizesse aquilo.

Endireitei os ombros, acertei a postura e prometi a mim mesma que, o que quer que acontecesse, o que quer que se passasse do outro lado daquela porta, eu faria de tudo para seguir as instruções de Bodhi e não piorar ainda mais a situação.

Ele olhou para mim e fez um sinal positivo com a cabeça, agindo como se eu estivesse pronta, mesmo eu tendo certeza de que não estava.

Minhas mãos tremiam quando ele se aproximou da porta e começou a abri-la, mas eu a fechei com força com a palma da mão, batendo-a para que eu pudesse dar uma olhada melhor em mim mesma.

Encarei meu reflexo, nem um pouco parecido com a última vez em que o vi.

Claro que as coisas de sempre estavam ali: cabelos louros, olhos azuis, nariz achatado, peito reto — praticamente igual à última vez em que tinha me observado, mas o brilho que me cercava estava *completamente* diferente.

Certo, talvez eu esteja exagerando.

Talvez não estivesse *completamente* diferente.

Quer dizer, afinal, ainda estava verde.

Mas era o *matiz* de verde o que estava diferente. O tom havia mudado.

Uma alteração perceptível, acentuada.

Do tipo que não podia ser contestada.

— Parabéns — disse Bodhi, dando-me um breve sorriso. Mas ele logo fechou a cara, sacudiu a cabeça e disse: — Mas antes que você se anime demais, deve saber que há consequências por nossos atos, como você está prestes a verificar.

Concordei com a cabeça, ciente das palavras, notando o alerta contido nelas, mas ainda muito arrebatada com meu próprio reflexo para prestar muita atenção. Vi o modo como o tom mais profundo e rico de verde brilhava e serpenteava a meu redor, sabendo que aquilo era resultado direto das escolhas que eu havia feito.

— Lembre-se do que eu lhe disse — ele afirmou, mostrando no olhar que não confiava nem por um instante em minha capacidade de não dizer nada, não estragar nada, e deixar que ele cuidasse das coisas.

Fiz cara feia e comecei a passar por ele, vendo meu brilho tremular enquanto ele ficava ao lado e me conduzia para dentro.

— Caso não tenha notado — eu disse, parando para olhar para ele —, consegui aumentar meu brilho. Então, o que pode acontecer de ruim?

Verifiquei novamente meu reflexo, convencida de que poderia acontecer qualquer coisa, o Conselho poderia dizer o que quisesse, mas meu brilho continuaria comigo. Era algo que eu havia conquistado. Ele não iria a lugar algum.

O pensamento foi na mesma hora interrompido pela voz de Bodhi em meus ouvidos, dizendo:

— Está errada mais uma vez, Riley. Tudo o que o Conselho dá também pode ser retirado. E agora, graças a você, é possível que nunca mais voltemos a brilhar quando sairmos daqui.

Fim

A Série Riley Bloom continua em *Terra dos Sonhos*

Alyson Noël

Alyson Noël é autora de nove romances. Nasceu em Orange Country, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo – viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se integralmente a seus livros.

http://www.alysonnoel.com/